

Trecho do Prefácio

Isnard Lima, poeta de fato, inspirado, original, surpreendente, versátil e simples, tinha de ser, também, bom cronista.

O autor não se definiu ainda quanto à escola preferida, o que é bom, pois assim circula indiferentemente por todas as áreas da arte. Não se aprisiona a cânones.

Para digressionar sobre o livro *Malabar Azul*, de Isnard, não é necessário ser urtiga como Eça nem tacape como Ramalho. O livro é a explosão de uma alma nova, ardente, e que se não pode conter, como disse Moniz Barreto, a propósito dos primeiros folhetins publicados por Eça de Queiroz, que assim estreava na crônica, no estilo e na arte.

Como Raquel de Queiroz ao apresentar Mário Palmério em *Vila dos Confins*, posso também dizer: É ler para crer.

Cândido Marinho Rocha,
da Academia Paraense de Letras

"Malabar Azul" : Geografia do Grito.

Isnard, li tuas (agora nossas) crônicas como espécie de verdadeiro noticiário vivencial de duas décadas presas à algema que não aprisionou a mente. Livres e doloridas como a unicidade da solidão. Ou, talvez, como o dia-noturno do sol na biologia dos indormidos. Quiçá, como a violência bela da pororoca às margens últimas do Araguari, posto "rio com valsas vienenses e alma de granito", mas que assim ora – "Que minha alma aplaque a sede da ira, a frustração da violência e a mediocridade dos servis".

Li e te obrigo – Guarda estas letras à inviolabilidade dos malabaristas do ódio, que nada sabem do desamor. Se, contudo, deslindares publicamente esta cláusula corromperás o azul e serás aniquilado como os cílios de uma vulva violentada pelo raivoso membro palatal, e, como pena, receberás a angústia do grito, que morre no seu próprio silêncio, pois que a ninguém é dado o prazer de malabar no azul da geografia do grito, sem a VALSA QUE IRIAS novamente beijar.

Assim quiseram. Quem, sabemos todos.

Antônio Leal de Mira

Gotas Biográficas

Nasceu em Manaus, em 1941. Filho de um grande prestidigitador — o professor Isnard Lima, pernambucano, e de uma pianista, a professora Walkíria Ferreira Netto de Lima, amazonense de duzentos e quarenta anos. Hoje, a Escola de Música Walkíria Lima, em Macapá, capital do Estado do Amapá. Neto de Antônio dos Santos Falcão, formou-se em Direito, em 1980. Jornalista, poeta e escritor. Separado judicialmente, pai de quatro filhos, três mulheres e um homem. Pobre, honesto e boêmio. Mas tem a Graça de Deus. Hora do Sol no signo de Scorpione, em 19 de novembro. Manaus.

ISNARD LIMA FILHO

MALABAR AZUL

CRÔNICAS E PROSA
DE
UM CAFAJESTE LÍRICO

GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ

Governador: João Alberto Capiberibe

Fundação Cultural do Estado do Amapá

Presidente: Bethania Julieta de Lima Soares Ribeiro

Departamento de Atuação Vinculada

Diretora: Regina Lúcia Ferreira Valente

Originais: datilografados por Silvana da Cruz Costa

Digitadores de texto: Alber Borges da Silva, Anna Ruth Borges da Silva e Gaél Boulais

Revisão: Isnard Lima Filho

Capa: Computadorização de Gaél Boulais

Ilustrações: Ivam Amanajás, Manoel Bispo, Michel Marka Montagounian e Saulo Almeida de Mira

Agradecimentos a Gilberto Semblano Oliveira

© Copyright de Isnard Brandão Lima Filho

HOMENAGENS

Este livro segue para:

Tâmara,
Irna,
Ilmara,
William, filhas e filho.
Isnard, o Neto.

In Memoriam:

Alcy Araújo,
Aluísio e Álvaro da Cunha,
poetas.
Benedito Antônio Leal de Mira,
poeta e desembargador.
Eulalie Adèle Cox Broomes,
mestra da Língua Inglesa.

BIBLIOTECA
Alcinéa Cavalcante

OPINIÃO

Poderíamos afirmar que “Malabar Azul”, em seu conjunto, é o resultado de inúmeros conflitos, de afirmações filosóficas transcendentais, e, até metafísicas na sua gênese, não fosse a amplidão cultural da obra que abrange a criatividade do autor em localizar seu *background* nesta capital, em algumas de suas crônicas ;

Parece incontestável a afirmação do prefaciador ao focar as características do gênero literário *crônica*, para conceituar o trabalho de Isnard Lima Filho, já que se torna difícil um julgamento específico sobre a teoria do estabelecimento artístico da palavra. Nesse sentido é que “nos países da arte não há litígios”, pois o estilo introspectivo do autor desvia o enquadramento conceitual do gênero em análise ;

Eclético na sua temática, o autor escreve com enorme profundidade o coloquial, o íntimo, de forma generalizada e clara, em bom português, se bem que, às vezes, ao fazer analogias, não usa de subterfúgios e, portanto, desregra inteligentemente a gramática, mas tornando-a compreensível e comunicadora ;

Verifica-se uma explosão de sensibilidade em “Para um Mago Hindu”, “Adeus para o Boêmio que se Foi”, “Caminhante Noturno”, “Adeus, Lettera 22”, “Crônica de um Natal Qualquer”, uma imensa ternura em “Vênus Brilha no Céu de Julho” e “Às Mães do Mundo Inteiro”. O autor é de uma empolgação bairrista em “Folclore de Julião, Festa do Povo”, extremamente severo e moralista na crônica “Liamba,

Bolas e Outras Drogas” e em quase todas um lírico amante das madrugadas.

Fernando Canto – Relator
(In Relatório, do Ex - Conselho
Territorial de Cultura/Câmara
de Letras e Artes. 23/4/1987)

Isnard Lima nasceu em época de guerra. Na última Grande Guerra, com foguete V-2, Bomba Atômica, destruição por toda parte. Trouxe do berço, pelo mundo que o cercou, a alma em revolta, mas sabe enfrentar este mesmo mundo com a filosofia do perdão. Porque Isnard Lima aprendeu a amar no sofrimento. Ama as estrelas, ama as mulheres, ama o sorriso das crianças. E quem ama, perdoa!

Que importa que a vida lhe seja dura e, por vezes, cruel? Dotado da inteligência que Deus lhe deu, vai transformando os espinhos da sua estrada nessas pequenas flores, cujo destino consiste em perfumar, em outras estradas, a vida de toda gente.

Malabar Azul é assim. Uma lição de ventura, em forma de pétalas, que o seu autor trouxe da desventura.

Victor Tamer,
da Academia Paraense de Letras
Setembro de 1970

PREFÁCIO

Sabe-se que a crônica e o conto são produções literárias de difícil elaboração em virtude da síntese indispensável, do conceito permanente e da conclusão artística. Uma crônica cujo assunto não perdure, que não possa ser lida anos depois do seu aparecimento com o mesmo sabor e mesma vivência, perde muito do seu valor. Uma crônica apurada exageradamente em virtuosismo e classicismo poderá permanecer como objeto de arte ou história, nunca, todavia, como digna de sua classificação. Registrar os fatos, dar-lhes beleza, singeleza e originalidade, são motivos da alta expressão do gênio humano. Rer a crônica de Pero Vaz de Caminha, ainda hoje defensável pelo conteúdo e pelo sabor de suas expressões, é um prazer. Assim acontece também com as crônicas de El-Rei D. João I, de Fernando Lopes, singelas e sóbrias, que tanto diferem da segunda parte das mesmas crônicas, escritas por Gomes Eanes de Azurara, de estilo palavroso e inflado.

A beleza de um traço de originalidade, de um panorama social, humano, doloroso ou não; a inesperada reação de um espírito de luta; a interpretação pura, simples e breve de um canto de jardim; a exposição da palpitação de um sonho ou de um sofrimento de mulher; a revelação de um alvorecer ou de um crepúsculo da mente do homem; as revoltas da alma e do corpo, tudo no invólucro de uma atualidade literária que se projete de forma imortal como as crônicas de Damião de Góes (1560 a 1567), são êxtases que encontramos raramente. Há quem diga que o conto pode ser crônica e muitas crônicas podem ser intituladas de conto. Há escritores famosos, notáveis como romancistas, que não são geniais como contistas

ou cronistas. O exemplo de Machado de Assis foge a esta enunciação justamente para fazer a regra. Existem cronistas magníficos, incapazes de escrever um romance. Não se alegue, por ser muito antigo (1829), a existência de um livro intitulado Crônica dos Tempos de Carlos IX, escrito por Prosper Mérimée, que é, em verdade, um romance. Conclui-se, portanto, que ser cronista é assim como ser poeta. Uma dose de inspiração, uma palavra simples, adequada, ajustada, feliz, permanente, um desfecho agradável, num assunto elevado à forma artística, isto é, da vida, do tempo, da humanidade. As intrigas da alma humana, as explorações do espírito, do patriotismo, do idealismo, em todas as suas apresentações, as observações agudas, o momento, o instante, enfim a vida em tudo aquilo sobre a qual se manifeste. Nada de investigações científicas, de insinuações pré-fabricadas, com gosto de profecia... A crônica é bela quando suas roupagens sejam a síntese, a musicalidade, o aroma, o espírito, a verdade. Entre nós, temos Max Martins, Mário Couto, Paes Loureiro, autênticos cronistas. Condimentam a palavra com arte e oportunidade e não se submetem às solicitações da descrição informativa, de noticiário. No sul do País brilham Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Henrique Pongetti e Raquel de Queiroz. No conto, Murilo Rubião, Oto Lara Rezende, Leonardo Arroyo e Guimarães Rosa, o Reformador da Língua Nacional, isto sem citar os clássicos do passado.

Isnard Lima, poeta de fato, inspirado, original, surpreendente, versátil e simples, tinha de ser, também, bom cronista. Alheio às coerências mas fixado em termos positivos, Isnard compôs um feixe de crônicas. Prece Pagã não é, entretanto, crônica nem conto. É um lindo poema, a contradição encantadora da poesia escrita em prosa. Adeus

Palavras ao Público

Vênus de Pedra, um delírio transmitido em alta tensão, é mais conto que crônica, e isto confirma serem as fronteiras dos dois gêneros de difícil fixação. Nos países da arte não há litígios. Há paz e beleza e, por isso, a comunicação entre os dois gêneros é franca e eterna.

O autor não se definiu ainda quanto à escola preferida, o que é bom, pois assim circula indiferentemente por todas as áreas da arte. Não se aprisiona a cânones. Não deseja ser Bilac, que disse:

Invejo o ouvires quando escrevo ;
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flor.

Para digressionar sobre o livro Malabar Azul, de Isnard, não é necessário ser urtiga como Eça nem tacape como Ramalho. O livro é a explosão de uma alma nova, ardente, e que se não pode conter, como disse Moniz Barreto, a propósito dos primeiros folhetins publicados por Eça de Queiroz, que assim estreava na crônica, no estilo e na arte.

Como Raquel de Queiroz ao apresentar Mário Palmério em Vila dos Confins, posso também dizer : É ler para crer.

Cândido Marinho Rocha,
da Academia Paraense de Letras

Obs.: Cândido Marinho Rocha escreveu este prefácio em janeiro de 1970. Malabar Azul possuía apenas 35 páginas. O tempo passou e Cândido partiu para outra dimensão. Malabar cresceu, ficou adulto. Rocha foi o padrinho. Por isso, mantive o seu prefácio.

Escrever crônica é ofício difícil de exercer com arte. O cronista vive mais o instante que a lembrança de um passado remoto. Para que ele se perpetue, há a carência de transmutar o barro, moldando notícias de esquina em cristal da Boêmia.

Malabar Azul é um livro que serve para distrair o parceiro inteligente. Não escrevo para elites. Mostro, nestas oitenta e duas crônicas, minhas andanças e inconveniências, nem sempre em estado de graça.

Em Malabar, província da Índia, costumam nascer malabaristas. Em matéria de estilo, tentei fazer com a caneta o que eles fazem com as mãos. E, graças a Deus, pude traçar, entre a lama e o céu, um caminho para a sobrevivência.

Isnard Lima Filho
São José de Macapá, 1995

ÍNDICE

Quando Chega Novembro	15
Nossa Senhora da Madrugada	16
Ainda Existe o Azul	20
Clara Noite de Julho	21
Crônica Esbandalhada	22
Meu Encontro com Deus	23
Para uma Menina Triste	25
Fim de Inverno	27
Ao Poeta do Anjo	28
Cabeludos da Velha Albion	30
Ramarah	32
Responso do Eu	34
Adeus, Vênus de Pedra	37
Chegou Outubro	39
Prece Pagã	40
Delírio	41
Colibri Azul	43
É Maio no Mundo	44
Há Andorinhas no Céu	46
Para um Mago Hindu	48
Roberta	50
Caminhante Noturno	51
Adeus, Lettera 22	53
O Cigano	55
Àquele Sorriso	56
Manaus, Oito de Janeiro de 69	57
Nas Lendas dos Meus Caminhos	61

À Primeira Mulher da Esquina	62
Imenso	65
Lembrando uma Cigana Persa	69
Sayonará, Inês!	71
Para uma Dama da Noite	72
Crônica de um Natal Qualquer	73
Bilhete para o Poeta Alcy	75
Carta de Amor para Senhora Azul	77
Em Transe	78
Adeus para o Boêmio que se Foi	79
Em Louvor de uma Menina-Moça	81
Elogio e Crítica de um Jogador	83
Vinte e Seis de Janeiro de 1970	85
Em Trânsito	87
Canto para Maria Soledade	91
Hoje, Quando Amanheceu	93
Liamba, Bolas e Outras Drogas	95
Em Homenagem ao Mestre	97
Manoel Bispo, um Talento que Surge	99
Sexomelopéia	101
Cantiga para a Mulher Amada	103
Vênus Brilha no Céu de Julho	105
Nestes Instantes Finais	106
Uma Chama que se Apaga	107
Para o Amigo João Carlos Gomes	109
Um Natal bem Lindo	111
Receita de Poema para Maria Rosa	112
Às Mães do Mundo Inteiro	113
Folclore de Julião, Festa do Povo	115
Adeus, Amigo Emídio	117
Sortilégio para uma Serrana	119
Bip-Bip-Bip	121

Vigília	123
Recado para um Passarinho	127
Imagem de Mulher	131
Um Amor que Passou	133
Perfil de Dóris Paungarten	134
Quando Chega Setembro	136
Batebatelimpa e Bate	138
Retrospectiva de Minha Mãe, Walkíria Lima	141
Angústia	145
Apologia do Azul	146
No Final do Ano	148
Aí vem o Verão	150
Neste Domingo Dourado	151
Um Filho de Anael na City	154
Conversa Astral com o Poeta Alcy Araújo	156
Aleluia ao Amor!	161
A Borboleta e o Poeta	165
Homenagem aos Pais	167
Dois Pintores se Encontram no Bacabeiras	169
A Saga do Bar Caboclo	171
Na Rota do Bar do Abreu	174
Oração de Poeta	178
O Adeus de um Jurista	180

Quando Chega Novembro

Notícias comuns, as de hoje. Morreu o gato do vizinho. Naracy surgiu, trazendo alegria à mãe Joana.

Há nuvens cinéreas no céu de novembro. A *Voss* alemã carrega bem nos tipos e eles me obedecem. Deixo crescer o cavanhaque e tudo decorre numa horrível calma. Olho-me ao espelho de um velho e saudoso judeu; na vidraça inexistente há poeira dourada. Remexo no cinzeiro guimbas de ontem à noite. Invade o ambiente um calor mortal e meu ventilador está com as palhetas em pane. Nem um níquel nos bolsos vazios. As mãos tremem, devido à última farra. E a maldita ausência contamina tudo... Felizmente tu passaste, há poucos minutos. Fizeste brilhar durante segundos os meus olhos cansados e sem colírio. Mais tarde, com o advento da noite azul, eu vou pela aí caçando sais coloridos para um banho qualquer. Aprendi a fazer do momento a minha inspiração e a não pensar jamais em estrelas cadentes. Tenho o leito sublime da praça, onde pés pequeninos de estudantes dançaram o último sucesso de Caetano.

No toca-discos roda uma canção francesa. Nem Gilbert Bécaud ou Edith Piaf. O tédio é apenas um mito de pessoas sentadas em cadeiras vazias. Descobri que os assentos têm alma, como qualquer coisa inanimada. Sinto vontade de rir.

MALABAR AZUL surge pela primeira vez neste novembro, quando bombas explodem em terras sem ternura, e ainda existem crianças sem mãe e bêbados sem pai, como eu. Deus me perdoe.

Nossa Senhora da Madrugada

Ave, N. Sra. da Madrugada, protetora de boêmios e pedintes! Ave, agraciada das estrelas, rainha das manhãs! Ave aos olhos silentes, cão amigo! Ave aos murmúrios soprados entre as paredes de todo o mundo; ave a essa safira de Deus, pendurada no azul. Ave às meretrizes, que os palhaços sociais chamam mulheres da vida fácil, como se a vida, sob qualquer condição, tivesse a fraqueza soberana da facilidade.

Ave a ti, ó Madrugada! Irmã maior de poetas e mendigos, amparando no mesmo berço a marginália e a genialidade. Ave Gabriela Mistral, Lorca, Pablo Neruda, Manuel Bandeira e Bruno de Menezes, porque ninguém mandou em vocês, e jamais mandará!

Eu, boêmio, me confesso teu amante. Filho de noites bem vividas, relógio humano que se agita no pêndulo da descontinuidade, te mando o meu abraço! Abraço etílico, fraturado, cheio de rum, branca e outros venenos próprios da condição humana. De repente, vejo-me em teu espelho de mil faces. Por uns segundos, diviso em mim o riso afivelado nesta mesma face mascarada, sem gramática e sem *slogans*, como um menino que quer trazer para a praia toda a água do mar; desse Mar em que vivo e me perco, me encontro e fujo, na eterna ânsia da liberdade!

Ave a ti, ó Madrugada! Rainha do silêncio e da desordem, do escárnio e do beijo, da morte e da vida, quando o rubro cristal de antemanhã se faz presente e abraça a gente. Há muito não te procuro, não te beijo o frio dos caminhos, não dou saravá ao caboclo Seu Sete. Salve às encruzilhadas! Salve aos "Cães da Madrugada", salve Eneida! Salve, meu irmão Abelzinho! (O Emídio ainda não



plantou o teu cajueiro, mas vai plantar.) Salve ao meu Colégio Padrão. E salve ao povo. Meu povo com seu Jornal, a sua rotativa, linotipo e impressoras, mostrando amor em chumbo quente à custa de muita inteligência e garra! Salve jornalistas e tipógrafos! Salve, padeirinhos! Salve, motoristas!

Salve o ofício de saber escrever. Salve o Paredão, a hidrelétrica mais cara do mundo! Graças à Eletrobrás, entraste em funcionamento! Eu vi as tuas torres de metal balizando o progresso, riscando retas sem vacilações. E, depois de tudo, salve Aporema, Lago Grande, Curiaú, Santiago, BR-156 e outras milongas. Madrugada, cada vez mais eu creio em ti!

Ainda Existe o Azul

É preciso perfurar o Azul que surge em meio do inverno. Olhar para o céu com olhos bem grandes, como quem abraça o mundo pela primeira vez. Olhar para o Alto, na identificação peregrina dos ciganos livres e compreender que, apesar da revolta dentro do mundo, ainda existe Azul e sorrisos de criança na Praça da Alegria. Amar esse Sol de ouro e arrebentar de improviso com as algemas da angústia, a despeito deste amor muito grande que não parte nem desparte, mas se avoluma em ondas e espuma e explode nas areias de um silêncio feito alegria e dor. Criar de repente um poema para a amada e olhar dentro de seus olhos negros, encontrando a renovação do mistério magnético de luzes que acendem e apagam mas não morrem nunca. E vê-la, a Amada, olhar para a gente como quem descobre um novo ABC. E deixar escorrer entre os dedos alguma coisa parecida com a felicidade. E depois, num beijo muito longo, mandar às favas os que não sabem amar. E assoviar, e apontar a estrela muito bela, que os outros não viram, vir caindo como um poema de ternura que a morte não levou.

Clara Noite de Julho

Madalena poderia chegar agora. E as mãos, cheias de carinho, esqueceriam por uns momentos a aspereza da noite e os caminhos da solidão. Eu seria de novo o poeta do amor maior, riscando meu canto de pássaro no ventre das estrelas. Acendo o cigarro nas brumas da saudade e vou embora. Entre mil gestos e andanças, a sombra de uma mulher anda comigo. Bipartida, refletida, renascida. A noite sopra palavras em meus ouvidos e constrói adeuses para a ternura. Na sua teimosia cristalina, impele-me a novas aventuras, acende luzeiros na minha estrada e me estimula a prosseguir. Vou andando com a noite e vejo voltar ao meu universo a Paz procurada ao longo dos desertos. Compreendo que dentro da renúncia existe um alvo a ser atingido e, enquanto houver flores e cicatrizes, permanece a capacidade de amar. Não há mais revolta nem ansiedade. Há o imponderável de novos roteiros, a cabala de outras investidas flutuando nas ondas argêntas do Rio-Mar. Espalmo as mãos e vou com a noite. E julho me adverte, sereno, no lirismo de Iemanjá, que as sendas da aventura estão abertas para palmilhar.

(Publicada na *Folha do Norte*. 30/07/72.)

Crônica Esbandalhada

Três horas e trinta da manhã.

Pela primeira vez descubro que posso escrever, bêbado ou não. São maneiras diversas de encarar o equilíbrio. Esta madrugada é amarga, desequilibrada; insone, etílica. É possível que esta crônica seja apenas um desabafo. Pouco importa. Serve-me assim mesmo. Sirvo-me dos fracassos enviados pelo mundo. Mas não sou servo nem fantoche. Sou um filho de *clown* dentro de um enorme picadeiro. E estou cercado de inúmeros palhaços. Eu sou um deles. Mas não há lágrimas; há porres. Interessante: por mais que tente, não consigo o porre absoluto. Ele se afasta de mim. É-me intangível. Foge-me em desespero. Ri. Aliás, nós rimos. Eu e ele. Dois equilibristas numa imensa corda bamba. Merda! De que serve a interjeição? Há a mulher e as juras. Um trânsito e um fim. Sou um esgar cósmico dentro do momento. E o momento é um trânsito, nada mais. O amor são veredas dentro do ego. A vida é mito e multiplicação, pão e vinho. É muito bonito... Mas ainda existe o labirinto. Eu não sou touro nem Minos. Não possuo romances nem roteiros. E a poeira da estrada me faz cuspir. É pena que ela não seja mais a mesma pequena. Eu sou tropicalista e ela é morena. Agüenta essa, Caetano Veloso. Por causa de Maria Bethania, restaram drogas e "Lama".

Meu Encontro com Deus

O título é de Giovanni Papini, autor de Gog e outras obras. A inflexível idéia de alguns literatos avançados e pernósticos, inclusive Pitigrilli, mais cedo ou mais tarde teria que esbarrar na Grande Muralha, com um apelo de saída...

Este, senhores, é o Meu Encontro com Deus. Trouxesse eu a maravilhosa experiência de Sto. Agostinho ou a genialidade de James Joyce, ainda assim destilaria desta crônica a Fé – minha irmã de todas as horas amargas que tenho vivido em meus 28 anos de existência terrena.

Lá fora o estourar dos fogos avisa-me que o dia 19 de março é ofertado à simplicidade de um genial carpinteiro: São José, Pai adotivo de Cristo, merece a Honra dos amapaenses neste dia. Cá dentro, na solidão imensa deste quarto solteiro, medito sobre um dos passos fundamentais da vida, antes da morte: o Casamento. Sendo eu um cigano, poderia perfeitamente viver sem auxílio das algemas douradas. Mas sendo também poeta, devo saber que aos olhos do Grande Mestre seria criminosa esta ação. E meu gesto considerado irresponsável.

Falei ontem com o padre Domenico Bottan e ouvi durante minutos o verbo eloquente de D. José Maritano. Pude ver, então, que um padre sem Fé e Coragem nunca será perfeito. Um padre sem Amor e Inteligência não poderá ser útil ao seu próximo, nem sequer suscitará novos elementos para o Povo de Deus... Estamos no século em que a Bondade é comprada a preço de ouro e a Vergonha se esconde em escrínios de luxo, raríssimos!

Perguntaram-me, dias atrás, como aprendera a fazer poemas. Olhei simplesmente para o céu e fiquei em silêncio.

A moça, que será minha mulher, sorriu intimamente... Ela sabe, senhores, que um Poeta nasce feito e, um Padre, muito mais. Ambos têm alguma coisa em comum. São obrigados a se doarem: um à arte de escrever; o outro, a Deus e ao próximo, como a si mesmo. Lembro-me de Gabriele D'Annunzio, o grande poeta italiano, e nem sei o que diria agora o padre Caetano Maiello... Preciso urgentemente conversar com ele. É um homem de cultura e muito me dirá acerca do casamento e outras coisas a mais. Dirá, por exemplo, o que devo fazer e como devo agir.

“Age desta ou daquela maneira. Observa estas normas e prossegue com coragem a tua estrada”. E eu o ouvirei porque acredito, nesta manhã, que Isnard Lima vai acertar de uma vez por todas os seus passos, ou continuará a procissão infinita de infinitos passos através do ouro dos garimpos sagrados ou da areia escaldante de lúcidos desertos!

(Publicada em *A VOZ CATÓLICA*. 04/04/70.)

Para uma Menina Triste

Creio, senhorita, que não lhe deveria mais escrever. Não gosto e nem costumei descer ao vulgar. Para mim, tudo que é difícil me desafia e habituo-me a enfrentar de frente os desafios... Muitas vezes, por isso, acontecem tristezas nos meus caminhos. Que importa? Eu sei que a vida é feita de ocasiões alegres e tristes e já me acostumei a extrair desses momentos alguma coisa parecida com a beleza. Não posso e não me devo dar ao luxo de ser amargo, quando há a carência de fazer sorrir. Aí, então, uso a máscara dos atores e afivelo no rosto sorrisos que escondem angústias. Por força do tempo esse sorriso, mais tarde, torna-se natural. Interessante, não é?

É madrugada de sábado. O relógio da praça guarda quatro horas da manhã. Na minha mesa, cheia de livros, há uma rosa de plástico num solitário de cristal. Infelizmente é uma rosa artificial. Ela lhe serve de enfeite. Eu nunca lembrei de sentir o seu impossível perfume. Seria fantasia. Mas me surpreenderia do fantástico se, de repente, tomando-a nas mãos, ela adquirisse, por um passe divino, o milagre maravilhoso do perfume que possuem as rosas autênticas.

É natural que haja simbologias no que escrevo. O poeta gravita no hermetismo cósmico, e todas as coisas bonitas do mundo são misteriosas. Há de haver paciência e renúncia para entendê-las. Mas não aprendi isso da noite para o dia, Milene. Foi um longo aprendizado. Uma estrada cheia de dores, espinhos e flores.

Aprendi, ainda, que na simples magia de um olhar pode haver uma declaração ou uma recusa de amor. Eu sei, por experiência, que o olhar não mente. Por experiência,

também, descubro que o amor voltou nesta silente madrugada. O Amor é muito caro para desperdiçá-lo com o seu silêncio, senhorita!

(Lida na Rádio Educadora. Março de 1973.)

Fim de Inverno

Luz. Depois, poeira de cinzas. A face escura de um inverno que morre. Ou ainda não? Parece-me ver o rosto do verão. Hoje, pouco correu o vento. Assim mesmo existe uma disposição nova nas ruas. Sorrisos renovam-se, surgem esperanças mais verdes.

Os colégios cerraram as portas. Ao longe, a mensagem de uma canção bonita chega-me aos ouvidos: *estou sentado à beira de um caminho que não tem mais fim*. E há a ausência de dois lindos olhos castanhos que ficaram distantes. Em manchetes negras os jornais me falam de guerras: Biafra, Vietname, Israel. A fome dos outros é criticada. Estampam-na nas revistas de grande circulação. Promessas de paz que não se realizam. Milhões de mãos pedindo clemência e bilhões de dólares voando para a Lua... Coisas que confundem um pobre filho de Deus. Aéreo, aéreo, aéreo. Silenciosamente um satélite corre lá em cima. Há poucas estrelas e Vênus brilha sereno. A sirene de um carro de polícia apita. Vai subir o morro das escravas brancas e talvez traga molambos perdidos dentro da noite. Notas de violão cortam o silêncio. Há um apelo imenso nesta bruma que se adensa; pontes que se consolidam, fraturas desfeitas. Por que sempre a noite? Um sopro de renovação insinua-se ao meu redor. E compreendo este aviso muito terno roçando nos meus cabelos.

Ao Poeta do Anjo

Descubro que esta crítica à tua Autogeografia já estava feita dentro de mim. Meu moleque vadio vinha-se acocorando. Hoje o vento rugiu para as bandas do Leste e soprou majestoso sobre as campinas do coração. Estou livre. O Pássaro de Louça renasceu e, eu, mísero entre os plebeus da Corte Azul, achei que chegara a hora. Meu moleque desencantou ao clarim de despertar. Nesta silente madrugada meus rabiscos dirigem-se a ti. Isto não é mesmo uma crítica. Tenho comigo que crítica é uma palavra azeda. Mas tua mensagem de vida, exposta em letras de imprensa, impressa em chumbo, muito me comoveu. Teus retratos – o de garoto e o de cidadão poeta do Mundo – mostram-se bem fotogenados. Aliás, todo artista genuíno é livre. Apesar disso, não deixaste que as amarguras do material te confundissem. Tuas asas de cristal estão firmes. Tuas noites, o Anjo, alvoradas purpurantes e a primeira flor do caminho, ainda te acompanham.

Minhas mãos estão plenas de ternura. *Vierde que te quero vierde!* Fotanjoscólor, Datilo-Ternura, Tédio de Verão e o Conto de Abril suavizam meus últimos tropeços. Teu ritmo é suave como a salsugem do cais. Floreio a imaginação e, no meu cavalo alado, sobrevôo países das “Mil e Uma Noites”.

Surge a manhã. Lamento ser um escriba da noite. Apolo exige que eu pare. Aldebarã se foi nas pinceladas rubras da antemanhã. Descobri delfins, salamandras e a Pedra Verde. São segredos herméticos, meu amigo poeta. Subo agora a colina dos bons cavalheiros. De alma lavada, o Templo da ternura de braços abertos me abrirá a porta da

inspiração, enquanto teu cais vai se tingindo de ouro para o lado do Nascente.

(Lida na Rádio Difusora de Macapá. Março de 1965.)

Cabeludos da Velha Albion

A Rainha da Inglaterra, sua Majestade Elizabeth II, provocou o maior escândalo de todos os tempos na Grã-Bretanha, desde o ostracismo de província que sofreu Wilde, no século passado.

Os ingleses sempre foram conservadores. Veja a roupa de um britânico: *tweed*, quase sempre. Sapatos engraxados e um cachimbo de lado; quase que palpável, o velho conhaque como companheiro. Nem precisa ser lorde. Um simples marujo veste-se elegantemente. E no acento, seco, você verá que não minto.

Elizabeth II libertou-os. Pelas ruas de Chelsea um colorido intenso se infiltra e anima o *fog* londrino. Anos atrás, em Liverpool, Brian Epstein descobriu num barzinho qualquer os rapazes que viriam a ser famosos, com cabelos compridos e o nome de Beatles, espécie de *beats* de luxo assombrando com o som de instrumentos eletrônicos os conjuntos de todo o Mundo.

A época do Rei Sol alarmou sobremaneira os conservadores franceses. Roupas apertaram-se, pedrarias ajustaram-se aos trajes masculinos; o pó-de-arroz invadiu a cabeleira postiça dos nobres. Mas não se precisa ir muito longe, lembrêmo-nos dos loucos anos trinta: cabelos *à la garçon*, roupas de linho branco e muita brilhantina nos cortes *à Valentino*. As saias suspenderam, e, em meio a um *drink* de uísque falsificado, a juventude badalava o seu *charleston* alucinante, deslocando o tornozelo, num ritmo para louco! Mary Quant reapareceu com a minissaia. Os londrinos entraram de sola na moda dos *beatniks* e os *hippies* impuseram à sociedade a sua moda e outras drogas.

Os *Beatles* ganharam a sua vida. Dando-lhes a Medalha do Império Britânico, a rainha motivou a revolta da velha nobreza. Mas *Help* carregou fortunas para a Inglaterra. E o que sobra dos que não aceitam a onda, foi a fantasia dos bobos que estacionaram no tempo e morreram rindo, sem nunca terem vivido como nós vivemos.

Ramarah

Nome estranho... Estou limpando a alma, ouvindo La Paloma. Ramarah vem-me de repente aos lábios e forma-se à sua imagem e semelhança. Uma guitarra chora em ritmo latino. Dolentes sons transportam-me ao continente místico. O turbante de meu guia hindu lança lampejos vermelhos de seu rubi.

Ramarah, ah, Ramarah!

Depois de tantos séculos, me apareces novamente com aquela fabulosa beleza do último avatar.

Não és mais rainha. Hoje és funcionária...

Foste louca por mim, e não liguei. Agora, louco por ti, passas com a máscara da indiferença luzindo em teus olhos negros. Eras a alma gêmea. Ou és ainda a alma gêmea? Não sei. Sei que a ascendência astral é um fato. Filho de um *Rosacruz*, um dia nasci príncipe. Anos atrás, quase desencarnava, por um amor impossível como este. Não chegara o tempo cumprido. Devo queimar o carma até o fim. Hoje, nem Krishna ou Vishnu; apenas São Jorge e a Virgem de Nazaré. Nada lembras, nem lês os meus olhos castanhos...

Ontem, meu nome produzia o medo. Odiavam-me e amavam-me até à morte. Vejo-os à minha frente; são lâminas de um cris malaio prontas para o bote.

Eu, o nobre, o sangue azul e o déspota de outrora, curvo a cabeça por força de tantos pecados durante tantas e tanta vida!

E aparecem hipócritas, querendo ser ilibados, com a mancha do ontem marcando-lhes a face.

Meu presente transporte é uma das provas finais.

Estás alheia a tudo isso. E o que me poderias dar, é-te proibido. Nem o grande amor que sentes por mim, fragilima criatura.

Sentes necessidade de falar comigo. Mas tens medo.

Ambos indiferentes, passamos um pelo outro. Entretanto o amor explode sob os olhos...

Máscaras afivelam preconceitos e dores que não deveriam existir.

Até quando continuarás bebendo o teu vinho em mesa separada?

Responso do Eu

Estou cansado de escrever.

Meus olhos fecham ao simples acento da luz.

O rio está calmo. Não chora, nem ri. Gosto de ver esse rio assim. Ah, rio!

Uso vidraças coloridas para não ser observado. Vidraças feitas na Alemanha: Sou esnobe e vândalo ao mesmo tempo.

Rapidamente levo as mãos aos cabelos. Sinto-os crespos e bárbaros. Sei que sou um pobre menino grande. Aquele *cretino* do Isnard, como disse a menininha do soçaite.

Meus gestos e minha voz, meus olhos e minha testa nada denunciam. Um auto-epílogo final, através de outros, estranhos para mim.

A esfinge e os ídolos de mármore já não existem.

Mas este garotão continua com os olhos molhados. Quebrado, incompreendido. Só.

Ninguém, ninguém, ninguém. Parece eco.

Sinto vontade de dizer bobagens.

Decepção e medo. Nem espelho, nem espectro.

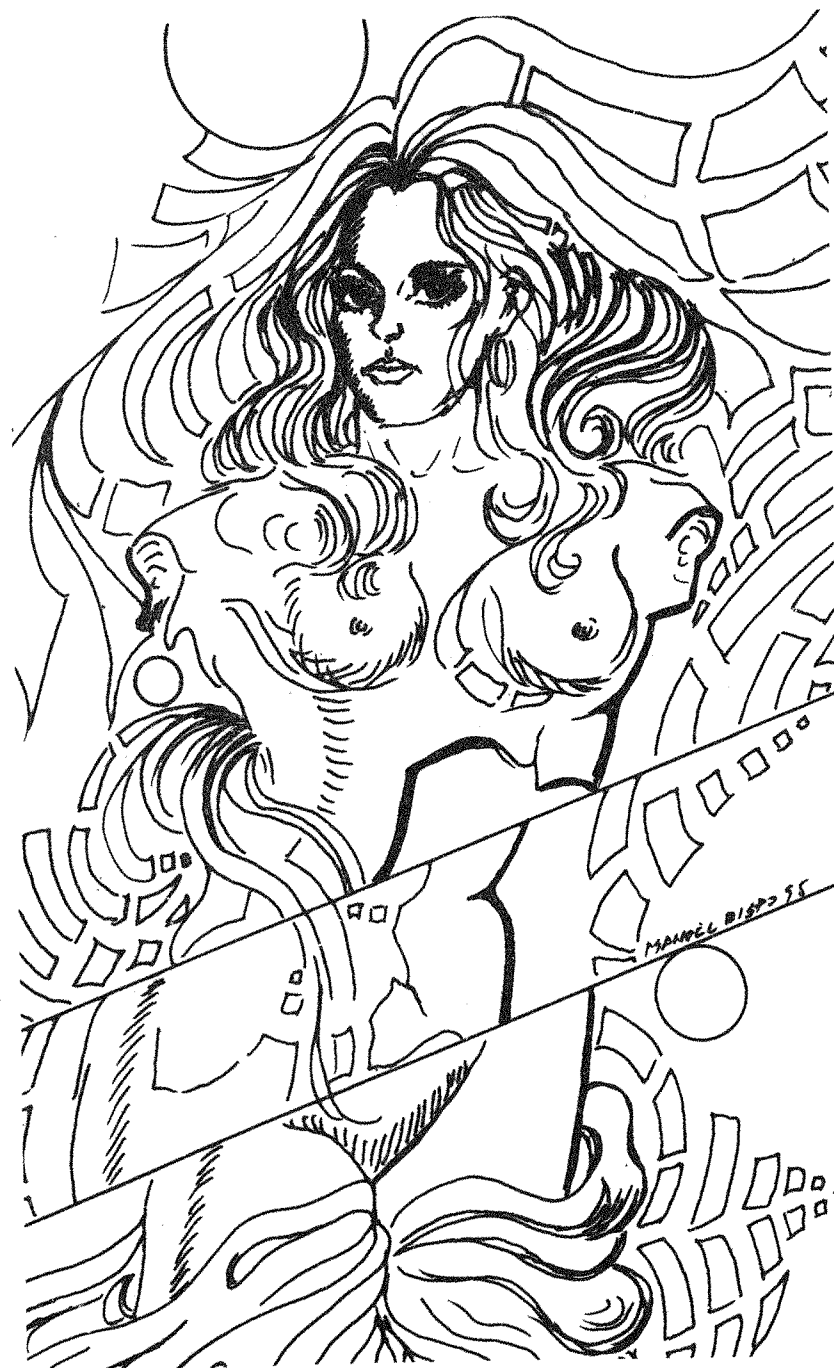
Ao término do princípio, diviso a imagem que não fui.

A suave antemanhã e o esplêndido Sol.

Na tarde espanhola morreram as valsas.

Em ritmo de *paso doble* a cigana se foi.

Parará-parará, parará-pã-pã! Pã! Pã! Pã!



Adeus, Vênus de Pedra

Saiba que acordei agora, senhorita. Acordei pobre, roto o coração e sujo o homem. O barômetro da minha animalidade está de pé. Não sei como ser assim tão animal. Mas há uma suavidade rompendo toda a deficiência humana. Por trás das mãos ex-alcoolizadas, uma nuvem de sonho extraterreno. Um pulo do Paraíso ao Inferno...

Começo a compreender... As imagens despertam. Adquirem vida, movem-se. Baças, a princípio. São espectros debaixo de um *fog* imenso. Não vejo ruas, nem estradas, nem caminhos. Nada.

Debruço-me sobre a amurada de granito. O mar levanta e comunica a alma. Bate, cresce, enraivece e chora. Recebo no rosto respingos de gelo. A paisagem é irreal e mete medo. Pela primeira vez pressinto ser um monstro. Um gigante fantástico detendo a destruição do *eu* diante de uma mulher insensível. Não as pétalas brancas do Mar Jônio; não o oceano enfim. O rio. O rio mesmo. Um rio com valsas vienenses e alma de granito. Quanta dureza! Como pode ser o rio meu inimigo? Ora, sucede que te entendo, ó rio! És a minha frustração, a minha idade e a minha violência. És a mulher que amo com todas as forças, todas as lágrimas, todo o meu sangue de homem.

És a mulher esfinge. A Vênus de Pedra. O elogio da minha loucura. O mar e o infinito.

Pérolas de sangue escorrem do meu rosto. Eu, como o maior besta do gênero humano, incido em erro pela terceira vez! Penso que atinjo à redenção suprema e toco uma esfinge. Percorro o teclado de um corpo: é pedra. Chamo-te e não me podes ouvir. És coisa morta. Não sei como nasce

algo tão sublime dentro de mim, se não tens alma, nem amor, nem face.

Meu esquife vai sendo levado, aos poucos, para o centro. Rompe as leis da Física e corre para o mar. Vai calmo, sem essa violência toda do Amazonas. Leva uma coroa de cravos brancos e rosas rubras. Debruço-me e não o vejo mais. Incrível... As rosas e os cravos avançam mais e mais. Deixam um rastro; uma esteira incólume.

Não sei o destino de minha coroa.

Zorba, o grego, está cortando o ar.

Ao fundo, imenso, só o mar.

De pé, um esquife de homem. Com braços, face, mãos e alma. Eu. A simbologia do gesto parado. E um Danúbio que não foi Azul.

No mar, quase esgarçado, um rosto de mulher. Uma estátua sem expressão.

Era a Vênus de Pedra.

Chegou Outubro

A gravidez prateada da lua me inebria. Chegou outubro em Macapá. Ganhei uma fonte colorida para os olhos cansados de amanhecer. Levaram o meu helicóptero e me deram um chafariz em cores. Quando cai a noite vou ver a fonte que o Papaléo desenhou. Só falta podar as árvores da pracinha. E dizem que o Rotary vai colocar um relógio de quatro faces. Do Avenida ou do Gatto Azul poderei agora observar o engolidor de horas ir devorando o dia. O relógio é um pobre burro cansado de marcar o tempo.. Há alguns anos eu ando no espaço. Tornei-me sideral. Vou sideralizar maçãs amapaenses e comer pêssegos morenos até fartar.

Avisarei amanhã que vou partir para bem longe de ti. Não quero mais o teu sorriso, nem direi que teus cabelos, cortados rente, me agradam como antes. Parece-me que as mulheres quando se frustram no amor procuram logo um salão de beleza. E o remédio é inócuo. Só faz efeito diante do espelho. Quanto a mim, não mudarei o corte de cabelo nem vou procurar um novo bar. Fico por aqui mesmo, até dia dez. Depois, Manaus. Ciao.

Prece Pagã

DEUS, Supremo Senhor e Grande Juiz, Dono sem explicações e exigências. Rei sem coroas, mas REI DA COROA.

DEUS, Caminho do Infinito, Estrela Azul, Condensador de todas as forças universais, faz com que este servo saiba sofrer em todos os momentos, em todas as horas, em todos os segundos, durante a Eternidade.

SENHOR, ensina-me a ser justo; bom, quando possível; e sincero, sempre.

Que minha alma aplaque a sede da ira, a frustração da violência e a mediocridade dos servis.

Permite, ao cair, seja amparado; esbofetado, beije; esquecido, lembre.

Concede-me a suprema visão de perceber a Luz de Tua Presença.

Assim eu sei, meu Senhor e Juiz, jamais te envergonharei a Face; eu, mísero átomo de teu sopro unigênito, agora e para toda a Eternidade.

Amém.

Delírio

Queria te mandar um presente bem lindo, mas os anjos estacionaram lá fora com medo de entrar em casa. E é tanta a angústia, que o éter virou angústia oxigenada. Há angústia em tudo: nas paredes, na fumaça do cigarro, no sorriso dos vivos (e dos mortos) e na tarde que morre. A tarde vai enterrada num caixão de chumbo. E não há pássaros. O universo se fez cinza para a banda do poente e o canto das sereias faliu. O próprio rio está morto. Não são meus olhos, não. E amo a beleza. Mas tudo mudou, de repente. A rosa que havia de surgir, morreu antes do tempo. E eu sou um estranho no meio dessa mudança violenta que partiu as vidraças, fez chorar as crianças e parou o Sol atrás de nuvens negras e gigantes... O olhar de minha amiga Gabriela ficou vidrado. Suas mãos estão tensas e a pobre menina não fala. Há, agora, este ar gelado, como se a mão da morte se apoiasse em mim. Não sei o que fazer. A voz da garota que fala na estação de rádio esfriou, também. Os passantes caminham como autômatos. Seus olhos estão parados e eles vão muito rígidos, como se caminhassem para o cadafalso. Adriana, como é que pode acontecer isso? E eu, só. Sozinho (Gabriela está hipnotizada), sem poder sair daqui. Uma força sobrenatural comanda os meus movimentos e ordena. E eu obedeco. Suas ordens penetram no meu cérebro. Há no ar sons de instrumentos que nunca ouvi. Parece que atingem a medula e entorpecem os sentidos. O certo é que não consigo esboçar um gesto. O ambiente torna-se mais gelido. Tenho pena de Gabriela, tão bonita, morrendo na minha frente. Gabriela nem eu temos culpa alguma, Adriana. Uma voz de mulher ordena: *Fique*

calado. Calado... Não se mova. Toque-se: Você não se sente. Você não pode pensar! Um círculo de luzes multicoloridas dança nos meus olhos. Gabriela começa a se desfazer, assim como se fosse névoa. Há muitas Gabrielas na dança do círculo brilhante. Agora há somente manchas abstratas. O zumbido da música cresce. É insuportável. Meu corpo gira no espaço e eu atravesso a parede, sem sentir. Não posso resistir. Ela está me levando, Adriana. Adriana, ela está me levando! Ela está me levando, Adriana! Adriana!!!

Colibri Azul

De repente, na tarde de prata, aconteceu o contorno moreno da tua silhueta. Respiro a alegria de teu corpo na contraluz do verão que morre. O mar explode amor nos meus olhos cheios de espuma. Tu voltaste, Colibri Azul. Usarei meu turbante de seda, aquele mesmo do marajá da Pérsia, e haverá orvalho dourado em minhas mãos... Ah, a beleza da volta, afirmação de meus passos nas areias da noite, e este suspiro de nácar no éter de meu mundo! Caem asteróides do alto mas a tua estrela se aclara no céu de Macapá. Um fluido de infiltra em minhas mãos e a inteligência se eleva em gradações sem fim... A música de teus olhos brilha como diamantes no chuveiro de *my heart*.

Falei com meu anjo para entrar em estado de graça e te ofertar um presente de verdade e sentimento; para que saibas que te amo muito e meu amor será teu cobertor de fé quando nevar angústia. Meus braços estão abertos para o universo de teu corpo e arde em minha alma a grande safira, aquela mesma que procurava através dos desertos escaldantes e encontrei um dia (ou era noite?) numa rua de Bagdá. Envolvei desde então a minha boca no lenço da ventura, sequei meu pranto no rubi ardente de teus lábios. Riqueza minha, Colibri Azul, este amor não se repetirá por muito tempo. Meu mundo se transformou. Minha face recebeu o grande batismo. Parece-me que cheguei ao fim da picada. Já não existem esquinas amorosas nem tardes tristes. Um estado de graça permanente aportou no meu cais de saudades e consolidou grandes fraturas. Ressurgi. Daqui desta janela que aponta para o leste, um sopro de esperança conversa com a brisa e a noite amiga afaga meu rosto. Eu sou outro. Absolutamente outro, Colibri Azul!

É Maio no Mundo

Nada me impede de beijar teus ombros morenos. Antes que se despeça de mim a noite amapaense, vivo está madrugada imensa onde estrelas não contam amores frustrados e as sarjetas do mundo estão mais limpas. Vou partir, mas deixo está crônica em destaque, e dentro de teus olhos percebo uma luz mui doce que se filtra através do espectro irisado de tuas opalas visuais. Olhos belos de cigana, que me encantam! Por vós eu iria embora sem sorrir, porque a vossa ausência me deixa amargo nos lábios e travo de fel na garganta cansada por muitas e muitas guimbas... Solitariamente avanço o meu caminho, onde há traços de azul cobalto, e ergo as lentes para o céu nublado deste inverno triste.

Querida: esta saudade ir-se-á esfumando lentamente, como as nuvens grisadas lá de cima. Não irá de repente, não. O teu ardente amor marcou-me a alma. Entretanto, olharei o céu. Imagino por alguns momentos que é verão e há canções de namorados suavizando a tarde de setembro. As penas das araras estarão brilhantes, mas será imensa a minha tristeza. O luminoso sal no meu olhar mostrará que tenho alma de criança para sorrir, ainda que esteja triste. Lerei um livro de Exupéry e a saudade dirá adeus sem lamentos secundários. A linguagem daquele que morreu no mar transmite muita coisa bonita, e tu sabes que para mim ele é uma espécie de segunda Bíblia.

As nossas canções... ah! as nossas canções. (E há canções bonitas quando existe amor.) Elas ficarão. Ficarão em meus ouvidos, sob forma de platina, musicalizando a minha dor sem culpas. A minha solidão e os porres violentos que vivi, tudo isso passará. Restará, apenas,

alguma coisa bem lembrada por mim. E está umidade em minhas mãos, querida, retrata um pouco do meu choro... Por isto, nesta manhã que surge, eu te envio o meu salgado adeus!

Há Andorinhas no Céu

Dezembro chegou em Macapá. Dentro de mais alguns dias os colégios estarão fechados. Aquele vozear alegre de milhares de estudantes vai desaparecer durante três meses. As ruas perderão um pouco de seu brilho. As aves morenas do Equador partirão à procura de pousada. Não verei mais aquela graça de cigana e meus olhos cansados ficarão mais tristes. Haverá sal dentro das retinas, por causa do adeus, querida. E virá o inverno machucando a minha ternura, fraturando as emoções. O que será de mim, então? O que será de nós? Para onde irão a minha coroa e o meu reinado de lentejoulas? Eu sei que a solidão explodirá nas mãos, nos nervos e no sangue. Eu ficarei enormemente, intensamente só. Ausente. Dopado pela angústia pesada da despedida. Só. Na amarga solidão dos homens sós. E nada mais triste do que estar sozinho.

Há andorinhas neste céu de dezembro. Há pássaros no ar e crianças cantando. Ainda existe alegria. Eu olho a alegria através de lentes de fumaça. O amor cria raízes e castiga as cicatrizes do músculo cardíaco. Mas não tenho lágrimas. Perdi a sensibilidade mágica do pranto. Tenho medo de ter perdido a alma. Ou a perdi ontem, quando era noite? Ah! A tremenda solidão da noite! Eu sei que anoitece para mim. E não posso fazer nada. Há um círculo divino impedindo os meus passos. Uma fronteira limitando os meus sentimentos, coisificando as minhas expansões.

Ontem havia o verde. O céu, o mar e a liberdade imensa das estrelas azuis. Havia a ternura da tua presença, o contágio floral do teu sorriso... Agora há flores esmagadas, pedaços de noite que se adensam. As palavras bonitas foram

embora na poeira violeta do adeus. Há somente um tango argentino, rodando, amargo, na vitrola alemã...

Para um Mago Hindu

Devo-te está crônica há muito tempo. Tua cadeira vazia, levemente azul, às vezes me traz à lembrança teus olhos negros de cigano. Alta noite, quando as estrelas luziam no céu do Equador e Vênus me falava sobre o amor, eu, pobre menino triste, te escutava com se ouve um pequeno deus. Tuas mãos, mais rápidas que a pantera, distraíam meus olhos de criança; traçavas no ar, com dedos de veludo, coisas que eu não percebia. Somente agora, que a morte te levou para o desconhecido, compreendi a grande falta que me fazes neste universo carente de paz e amor.

Guardo de ti a imagem da inteligência, a arte da prestidigitação, os olhos de Raios X, a alegria de viver intensamente a vida sem nem te ligo para o amanhã; a pena brilhante nas polêmicas com Florence Dubois; as noitadas alegres com aquela elite à que pertenciam um Jacques Flores, um Nunes Pereira, um Mário Couto, um Bruno de Menezes.

Deste garoto saíste à procura do mundo, e nas tuas andanças muito aprendeste. Lavador de pratos, secretário de grandes mágicos, mentalista superior, hóspede de hotéis de luxo, por tudo passaste sem perder a naturalidade. Eras um pássaro. Soubeste conquistar dinheiro da mesma forma que o perdeste. Ouro e prata, pérolas e brilhantes em teus bolsos eram coisas sem valor. Mas tua algibeira sempre foi aberta para os menos felizes, inclusive para teu chofer amigo, que era um demônio no ringue.

Nesta noite que se transforma em madrugada, eu te rendo a minha simples homenagem. Silenciosamente peço à Grande Mente Cósmica te faça passar mais rápido pelos

roteiros herméticos do Grande Caminho e suavize teus tropeços nas Veredas do Silêncio.

Aconteceu o que predisseste e muito mais vem pela frente. Não nasci para ser de ninguém. Devo riscar meu canto no ventre sagrado das estrelas e beber o orvalho dourado das manhãs, como quem acorda para o mundo pela primeira vez. Puro. Vou sofrendo, quando posso; e sorrindo, quando acontece. Tu, para mim, foste mais, muito mais importante que o Mágico de Lublin.

Roberta

Aconteceu no inverno passado. Não sei como explicar. O milagre veio de súbito, enchendo de luz as sombras da noite. O homem de branco viu a moça morena e se apaixonou. Ela é jovem e atraente. Tem nos olhos um brilho invulgar. Quando anda, parece o mar, imenso, nas horas calmas da tarde. Linda de morrer, essa mulher morena tem o magnetismo que atrai os homens como os favos de mel as abelhas silvestres. Contudo, está presa. Dentro de seu enorme e divino encanto há uma convenção de ouro: uma alga de 18 quilates... A moça é noiva de um grande amigo dele. Veja você o dilema em que ele está. De onde surgirá a libertação?

Nessa manhã de chuva o canto dos pássaros está ausente. Ele olha para o céu e fuma o seu cigarro inglês. Florescem rosas na grama do parque, e é domingo. Meu amigo pergunta-me, então, se eu, sendo poeta, posso resolver a equação cordial. Digo-lhe que olhe para a chuva e pense no Sol, esplêndido, acima das nuvens cinzentas. E ouça Roberta, Au Revoir, A Praça, músicas assim.

Há tremor em suas mãos e cansaço no seu rosto.

Olha-se ao espelho, muito sério.

De repente, vejo que este homem sou eu.

Caminhante Noturno

Aonde me levam estes passos, dentro da noite escura, soterrando esperanças, naufragando ilusões? Ontem, quando era noite, havia a magia da tua presença e rosas vermelhas falavam de amor. Teu beijo de pérola e nácar me atingia os lábios e tu sorrias um sorriso de anjo de outros astros. Havia champanhe na mesa e minhas mãos afagavam com ternura o teu rosto lindo. Puseste na eletrola alemã a voz de *Edith Piaf* e uma orquestra de violinos ciganos ternurava o ambiente, onde o dourado de teus olhos irreais dava o único toque de luz humana que eu já vi. Eu era o Cosmos, dentro do Verso. Esqueci até meu turbante indiano, que aquele marajá amigo me presenteara no último Natal.

A Estrela da Manhã espande no céu de dezembro e músicas suaves indicam a época do amor. Mas eu não tenho nada e estou sozinho. Tenho medo de morrer está noite fria, sem ninguém perto de mim para dizer adeus. Só possuo a ti. Alma alguma no mundo teria um olhar mais compreensivo para mim. É preciso que voltes. Desculpa a alma de boêmio. Eu sempre serei assim. Agora e quando os cabelos argentearem pelo tempo. Haverá um sorriso de criança em meus olhos e a marca dos desesperados estará bem clara no meu rosto. Tem de ser assim. É fatal... É possível que eu morra cedo. Pode ser que parta antes da hora. Haverá uma turma de bambas para as festividades da partida e um sax do Harlem tocará *Saint Louis Blues*. Um moleque negro evoluirá num samba de partido alto, e eu estarei muito calmo na minha cama de madeira, na imobilidade dos que não falam mais... Serei o caminhante mais noturno do mundo, assombrando os boêmios retardatários nas

madrugadas frias. Mas eles saberão que sou um espectro amigo e darão passagem ao me reconhecer.

Não quero mais falar de coisas tristes. A noite caiu e tenho de cumprir o meu destino. Vou fazer companhia à Estrela da Manhã e conversar com Janaína nas areias morenas do Rio-Mar. Eu me posso orgulhar de a noite, minuto por minuto, ser minha companheira inseparável.

Adeus, Lettera 22

É sempre amargo e salgado o lenço do Adeus... Eu me despeço de ti com lágrimas cansadas nos olhos reamanhecidos. Uma angústia tremenda me castiga o rosto. Eu me calo e fico frio porque o gesto de criança, irrefletido e bobo, as cabeçadas puerís e tristes apenas e somente me levam ao desespero de saber que eu ainda preciso crescer bastante, a despeito do cavanhaque que começa a aparecer, e esta face, muito séria às vezes e muito sem seriedade outras. Eu te amo, Lettera, porque tu foste a minha única e inseparável amiga nas minhas noites tristes, quando o frio das manhãs me açoitava o rosto e meus passos me levavam ao longo das avenidas mortas de Macapá, sombria, às portas do grande e etéreo silêncio da Noite! Ah, amiga minha, meu lenço está manchado. A cabeça baixa apenas denuncia a frustração do ato impensado. Creio que Deus ralhou comigo esta manhã bonita. Eu entretanto fui à sua Casa e fiz uma prece serena para que tu voltes às minhas mãos. O meu amigo chofer vai compreender tudo. Saberá que mais uma vez eu errei... Que sem necessidade alguma te mandei em frente. Tu, que és a minha confidente silenciosa e através de teus tipos comunicas a minha angústia e assim me limpas a lama da alma muito velha e, a despeito disso, ainda sem experiência alguma para enfrentar a falta de notas coloridas, quando manhãs de sol convidam ao amor e crianças louras douram a tarde de beleza. E Fazendinha, muito morena e bela, se espreguiça sensual e triste abraçando o Rio-Mar.

De qualquer maneira, aí vai a despedida. Este adeus se entranha em mim, e cada vez mais, sempre que olho a minha mesa, tua silhueta elegante e bela me assombra por minutos as retinas cansadas e sem horizonte. De qualquer

forma, amiga, o meu amigo lusitano saberá que precisas voltar aos pagos meus, e, do alto de sua consumada experiência, Patrício me devolverá a alegria que partiu...

Nesta tarde que se vai, com um céu muito gris, eu te espero: com uma prece nos lábios ressequidos pelo efeito do câncer que virá...

(Publicada em *A Voz Católica*. 18/04/1970.)

O Cigano

Ana, ou o que restou de Ana, ficou no meio do caminho. Deixei os trastes e vim embora, como o retirante mais triste do mundo. Minha bola de cristal quebrou e estou impedido temporariamente de prever a sorte. Um cigano sem bola é como um marujo sem bússola. Maria também vê a sorte; quanto a mim, conserto panelas entre um e outro pileque de vinho. Apenas não gosto de ver as mãos, porque são como um espelho de mil faces. E às vezes tenho de mentir para não contrariar o cliente. Coisas da profissão. Foi assim em Barcelona, da última vez. Eu lia a sorte de um poeta que amava. Ora, os poetas sempre amam. São um pouco ciganos, um pouco bêbedos, e muito artistas. Então eu vi a sorte adversa. E disse: "amigo, essa mulher já não sente amor. É melhor deixá-la e partir antes da desgraça". Ele soltou para o ar a fumaça azul do cigarro e riu. Na minha cara. Mandou-me ler a sorte da mãe, e outras coisas. É claro que me revoltei. Passamos da discussão às vias de fato e, na escaramuça, dentro da tenda, partiu-se a bola de cristal. Cristal da Boêmia, raríssimo.

Senti muito a perda. Chamei Ana Maria e disse que não ficaria mais no bando. Ana esperneou, gritou, puxou os cabelos, chorou. Nada feito. Arrumei a mochila, limpei meu violino, tomei o último copo de vinho e vim embora. Agora estou novamente na estrada, à procura de uma andaluza para armar a minha tenda.

Àquele Sorriso

Sinto um leve tremor nas mãos. Não sei por que essa ânsia boba de te escrever. Não gosto de ser fútil. O fútil me deprime. E tenho a impressão de que o estou sendo. Isso é terrível.

Escrevo sabendo que me vais ler. Saberás que sou eu. Entre todas as outras, e várias passaram por mim, foste a escolhida. Foi a madrugada que me trouxe essa vontade. O silêncio da noite, as estrelas no céu... Notaste o verão? Foi ele, também. Verão que tanto amo ; que às vezes faz poesia em teus cabelos, de mistura com o vento.

Lembro teus olhos castanhos e o porte de manequim. Não me esqueço de tua voz, nem das mãos. Brancas e lindas.

Por tudo isso é que existe um soluço enorme, ao redor. Soluço cansado de correr mundo. Parou pelos bares, andou nas esquinas e, agora, retorna. Eu me vejo neste soluço. Enxergo-me, até. Não sei quando ele me abandonará. Mas, de tudo aquilo que passou, resta uma ternura adocicada. E, onde estiveres, sorrirás de leve, lá no íntimo, aquele sorriso tão teu. Sorriso que me fez ver miríades de estrelas, dentro das noites mais escuras.

Manaus, Oito de Janeiro de 69

O avião parte amanhã. Dolores não escreveu três linhas mal alinhadas. E esta necessidade de ver, sem ver. De ver o verde. Aquele *vierde que te quero vierde*. Depois virão sérias despedidas e cartões de visita serão trocados. Manaus fica dentro das retinas cansadas de *margorizar*. Há o mármore, a sombra e o calor.

Vultos passam apressados. Saias e minis e meninas alegres de minha terra... e a última fita de Isnard Lima. Oito metros de intestino e a escravização torpe dos maxilares moendo restos de queijo. E o clube... da Manhã. Manhã sem agora, espacializada no éter que não tenho. No espelho, a sombra de um rosto sem seriedades marca ponteiros. A garganta ainda umedecida pelos sais da Skol, e o árabe acreano alisando os pelos do bigode e a revolta dentro de um diálogo que não houve porque a noite não é mais noite. A Estrela do Verão estrelando o silêncio de um verão morto. Luis Bacelar, Alencar e Silva, Jorge Tufic. Raízes. O meu universo gritante e salgado. A tua *rosa de sal*, poeta, boiando na noite que finda.

Manaus permanece como a garota bonita que não se despiu. Na esquina da Eduardo com a Sete, sete horas da noite, alguém espera por mim. Existe uma enorme saudade de Eliana.

Olho o rosto de Bruno de Menezes e a arte de Afrânio. O poeta possuidor de noites estaciona no frio silente do Parque.

Nas vitrinas coloridas há tanta coisa bonita. Meus bolsos estão vazios (não aprendi a administrar o dinheiro) e a garganta amarga pela vontade de querer comprar e não

poder... Adeus, Cidade Sorriso! Os olhos de teu filho vão
cheios de pranto!



Nas Lendas dos Meus Caminhos

Não é preciso olhar meu horóscopo. Eu mesmo não me reconheço. Sou pobre, poeta e cigano. E mantenho o grande defeito : amo uma mulher.

A vida me enviou presentes e angústias, e agora roreja de meus olhos o sal amargo de lágrimas sofridas. Quanta poesia existe, menina, numa lágrima de mulher. Numa lágrima de amor vejo o retrato da mulher adorada; sinto que sou ou não amado. Amar, ou não amar, eis a questão. Ser besta ou não ser besta, eis a questão. É muito violenta a questão. Mas nada é violento para explicar o amor. Por isso pouco me importam as convenções! Meus beijos são dados ao clarão do dia e espantam a burguesia. E é pena, porque há tanta beleza num beijo molhado de sol...

De repente, tu, pele morena, surges no meu caminho com a tua infância de mulher, e nada me dizes (apenas ficas pálida; muito pálida, como o luar do Oiapoque nas noites de frio). E assombras a minha recordação, avivas o meu ontem, consolidas minhas fraturas.

O Sol deixou de ser frio e a Lua espia, indiscreta, a magia dos meus abraços. Como te amo, mulher... Como eu te amo!

À Primeira Mulher da Esquina

Essa manhã de chuva, friorenta e vazia, muito me ajuda a te escrever. Já estou farto de manhãs de sol ; quando saio debaixo de uma delas sinto-me pequeno demais. Esquentam-me tanto que perco o poder de sentir. Essa manhã de agora, não. Vejo-me na obrigação de te dizer alguma coisa. Pode ser que te chames Estheir ou Maria Iribarne e fales uma língua estranha para mim. Pouco importa. Teu espírito transportará barreiras e nos entenderemos bem. Comunicarás, como a chuva, a umidade de teu sexo e a espiritualidade de tua alma se fará presente em mim. Lembro-me do homem que encolheu: quando normal, pouco entendia do mundo; quando pequeno, começou a aprender as coisas grandes do Universo e fez-se feliz, apesar de anão. Sou assim nesta manhã de chuva. Já vêes que as convenções de altura pouco importarão. Basta sejam mulher e eu, homem.

Sabes? Fumo meu último cigarro para escrever esta crônica. Tenho o hábito de verificar o número impresso no papel de estanho. É três, o desta carteira. Sinto-me feliz. Os arcanos são-me favoráveis. É possível te rever e, se te encontrar... ah!, que beleza será! Minhas mãos estão frias, aqui dentro, querida. Espero que surjas e limpes a névoa que o tempo, lá fora, imprimiu na vidraça.



Imenso

Acabo de lembrar que aniversarias hoje.

Faz tanto tempo, meu Grande Garoto, depois daquela pública cretinice, que não consigo traçar com perfeição teu grande perfil, porque esqueci através de avatares sucessivos a imagem de tua grande vida.

Mas isso não importa nem seria urgente fazê-lo.

Foste sempre tão profundamente bom e humano que, até hoje, séculos passados, teu brilho estelar permanece em todos os Homens de Boa Vontade.

Perdoa se não Te lembram os outros. Os outros, aqueles que morreram, transformaram-se em poeira de cálcio. Serviram de adubo às terras crestadas da Galiléia que pisaste um dia. E como eles, os Vendilhões do Templo, são pequenos diante de tua Imensa Estatura!

Tu ficaste, meu Grande Garoto DEUS.

Ficaram contigo a Pureza das Crianças, a Divindade do Pai, e a suavidade dos Lírios do Vale.

Não importa sejam poucos os pretensos sabedores do teu aniversário. Estás acima do Tempo e do Espaço. Confundem-se em ti o Princípio e o Fim, o Alfa e o Ômega.

Por isso mesmo reconstruíste o Templo de teu Verbo em três dias. Jericó e Nazaré ficaram para trás. Belém de Judá está muito diferente. Mas, como prova de Verdade, as profecias cumprem-se ao pé da Letra.

Tua passagem foi grande e divina. E no Cenáculo és ainda o Garoto Pobre, o Menino Deus, o Bom Pastor.

A pedra rejeitada pelos que edificaram, tornou-se cabeça de ângulo. Nesses momentos de Respeito estou contigo, Mestre.

Sou apenas um garoto grande que Te fala e Te percebe
a Luz.

Perdoa-me, se um dia eu for um fariseu de sepulcro
caiado, em pleno século XX.



Lembrando uma Cigana Persa

Estou num restaurante de esquina, ouvindo música. Tomo um martini tinto, que não me entra bem. As músicas continuam, a maior parte velhas; de qualquer maneira limpam minha alma. Pobre alma, egressa das friorentas madrugadas da estação vigente!

Sinto um arrepio ao lembrar teu nome. Vais tão longe! (Isto no tempo mas eu te considero espacial.) A centenas de milhares de uma medida ainda não encontrada por mim. Penso que és parte de minha alma. Aliás, tu o eras. Agora há a ponte da lembrança, enorme, entre nós dois. Presumo que ela esteja quebrada, no meio. Tão grande é a ponte, que some de vista, e não lhe posso alcançar a excelsa arquitetura. A ponte é de marfim.

Permanecem músicas estridentes. Não ouço um samba de partido alto. E tu nunca te encontraste comigo aqui. Apenas, em um colégio qualquer, numa festa de junho. Creio, lembras-te bem: vestias um *surah* estampado e estavas bonita de verdade. Teu rosto expressava alegria e amor. Eu, também, era um gigante. Meu grãozinho de areia tornara-se um deserto. Teu amor edificara em mim forças estranhas. Tornara-me um pequeno deus. Não era mais o garoto cercado pelo conceito cretino de alguns o que existia em mim. Junto a ti não ligava para isso. Era um homem que amava. Um existencialista.

Depois, veio a queda. Vieram as tentativas de suicídio. E os outros souberam. Eu, que havia agüentado a marra dos *ipms*, apaguei-me temporariamente nas tuas mãos de cigana...

Não me foste ver. Nem perguntaste por mim.
Teu silêncio me fez esquecer que eras quente.

Hoje, ao pensar em ti, sinto frio no corpo todo. Lembro-me do cárcere: Um frio sobrenatural.

A chuva passou e desligaram essa eletrola enjoadada. São quase 18 horas. Devo partir. E talvez te veja.

Sempre que te vejo, sofro. Tenho-me a poucos metros de mim.

Na verdade, estás a centenas. Branca. Artificialmente loura. Mortalmente branca. Como um *iceberg* assassino...

Sayonará, Inês!

Quero fazer uma crônica bem bonita para você. Mas há gosto de sal na minha boca. Não compreendo a morte de uma jovem. Não aceito a morte de um jovem. Especialmente quando as circunstâncias fogem à razão. Então eu fico sem graça como a criança a quem roubam o brinquedo querido. A sua morte inesperada e brusca não foi apenas fruto da fatalidade. Talvez tenha havido um gesto irresponsável. Não se brinca de atirar com um revólver de verdade. Muito menos quando por trás da mira de uma arma letal existe um corpo de mulher, cheio de vida e esperanças de amor. Um indivíduo que age desse modo tem algum problema psíquico consigo. Pode ser ou não um homem de tendências homicidas. E, da simples tendência ao ato, há apenas um tênue fio de seda. Foi o que houve.

Agora o que era vida, sorriso e ilusões douradas capazes de se realizarem, baixou à frieza animal da terra, como um trapo qualquer. Uma família veste o luto de uma filha querida, sem necessidade alguma. Isso é muito triste, Inês. A despeito de desconhecê-la, eu sinto também a sua partida. E, como eu, centenas de estudantes do Amapá. Você ficará como um símbolo em nossa memória. A chama límpida de sua juventude brilhará no caminho de outros jovens que procuram trilhar a imensa estrada da vida. Você será a luz verde da esperança, porque partiu sem culpa, e pura, ainda. E nesta tarde que parte imersa em bruma, solitariamente eu lhe envio o meu salgado adeus...

Para uma Dama da Noite

Margarida Vieira de Melo acaba de partir. Vieram me contar, ainda agora, num banco de praça. E foi tão grande a surpresa pela viagem definitiva da amiga, que fiquei em silêncio... Mas o corpo vergou durante momentos; e a cabeça, baixa, pende para o chão. Eu não consigo articular palavras. A morte da amiga me comove. De repente, nesta noite plena de estrelas, com o Cruzeiro do Sul bem nítido no céu de julho, foi-se para outras paragens aquela que um dia foi minha amiga e apanhou minhas lágrimas quentes de boêmio. Foi-se embora uma Dama da Noite. E eu quero indagar por que e me quedo sem resposta. *A morte é a passagem de uma sombra*, dizia Maeterlinck. Mas isso não me satisfaz. O corpo que um dia tivemos em nossa frente, as mãos que traçaram mensagens de carinho, os olhos que transmitiram calor, abruptamente paralizam. E vem o choque da partida. A quebra da vida. Nada mais resta, para muitos. Surge a Grande Niveladora, esmagando a visão, demolindo alegrias, afogando saudades, destruindo ternuras. - E foi-se a minha alegria, esta noite. Porque a noite, hoje, não existe. A própria noite compreende que um pedaço de si foi destruído. Margarida partiu. Despediu-se sem adeuses a Grande Dama da Noite. Aquela artista de variedades, a menina bonita de antigos boêmios, finou-se com um derrame. Foi-se embora a Grande Margot. E muitas meninas novas hoje vestem luto. Não se abrirá mais a porta da Boate. Apenas a voz de Francisco Canaro traduzirá a tristeza dos notívagos, cantando, nesta noite fria, a melodia plangente de um "Adiós Pampa Mia"...

Crônica de um Natal Qualquer

Olho para fora e, de repente, vejo que é Natal nas ruas: não no coração dos homens. Natal no sorriso de uma criança rica; não na palidez do garoto triste, que passa sem olhar o céu azul. Natal nas fantasias coloridas que enchem as avenidas; na pressa de madames de *grand monde*, na máscara altiva de meninos ricos, na violência covarde de futuros matadores motorizados.

Olho para fora e vejo olhares expectantes à porta dos Bancos; vejo mãos trêmulas catando um dinheiro impossível. Dinheiro magro, que não paga o *luxo dos papais noel de esquina*. Ah! Quanta alegria forjada eu vejo neste Natal!... Não tenho culpa alguma de falar amargo. Meus olhos não mentem, e há muita bília humana no asfalto das ruas. Eu bem quisera ver o verde, amar o azul, falar de Paz e Concórdia entre homens de coração. Seria muito feliz se isto acontecesse; se o Milagre da Renovação, de que fala o Mestre no Grande Discurso, se repetisse em todas as faces. Impossível. E meus olhos se enchem de mar, minhas mãos se crispam de angústia, e a pena escarra somente amarguras. A despeito de ser feliz, e ter muito amor na alma, não posso mentir; contar a beleza que não há...

Mas o menino, aquele Grande Menino Galileu, também sabe que não minto. Ele é o maior dentre os sofrendores, porque sabe que a sua mensagem infelizmente é pouco compreendida; que as suas ovelhas continuam matando, que as suas crianças continuam sofrendo, e ainda existe muita maldade e fariseus neste Natal que vai morrendo sem muita saudade e cai da folhinha como adaga criminosa nos desertos do Oriente Médio.

Escorrem lágrimas do coração das mães estrangeiras.

Mas resta a esperança de que o ano que chega venha com rosto de menino, e laços de Amor unam os povos do Mundo inteiro. E eu rezo para isso com alma de criança.

Bilhete para o Poeta Alcy

Não pense que me engano, Alcy Araújo. Ele já está por aí. Não sei se veio em leito de veludo ou numa nave extragalaxial. Há rumores dentro da madrugada, e as minhas antenas de poeta pressentem alguma coisa fora do comum... É difícil falhar, mas eu acho que ele está é mesmo no Oriente. Você sabe por que. Mas os outros são profanos... Andam e são paralíticos, comem e não se alimentam, e querem ver o que seus olhos não enxergam. Também não lhe posso afirmar quando começa o seu ministério. Há tanta podridão no mundo, meu caro, que o macete não vai ser mole, não. Ele que venha abastecido... E traga os seus pescadores, aquele carga pesada do Simão, raios paralizantes e coisa e tal. Do jeito que seus filhos estão brigando, é preciso vir com cuidado, não é? Por falar nisso eu acho que Israel não acabou a história. Há muito brinquedo de matar em estoque e os ânimos estão quentes.

Mas assim mesmo o Natal chegou, a temperatura caiu e o rabo do Kohoutek já começou a brincadeira. Das duas uma: tomar Montilla ou andar de tanga. Isso é infalível... Eu já tomei as minhas providências. Não há para onde fugir, meu amigo. Os agasalhos de lã estão muito caros. Olha, diz para o Cordeiro preparar a máquina, com filme colorido. Se ele vier, precisamos documentar o grande momento. E penso que neste dia devemos estar juntos, curtindo uma de solteiro. Um espetáculo dessa natureza deve ser contemplado como quem reza, e mulher fala muito.

Estou feliz, meu amigo poeta. Já tenho para quem passar a coroa. O soberano vem aí. Não sei se terá um destino, como Frederico. Sei apenas que será homem ; soube-o através dos grandes arcanos, e as cartas do *Tarot*

não falham nunca... Prepare-se para colocar a gravata e tomar o melhor escocês que houver na praça. Você vai ser meu compadre. Meu filho terá de tomar a bênção a um poeta de verdade.

Obs.: A profecia do cronista saiu errada. Nasceu uma menina, que foi batizada com o nome de Tâmara. O padrinho foi Alcy Araújo, que transitou para o universo paralelo em 1989.

Carta de Amor para a Senhora Azul

Este título é um pouco excêntrico, madame. Mas eu gosto de mulheres excêntricas e do Azul. O amor, por exemplo, deve ser azul. Todas as coisas bonitas do mundo devem ser azuis, inclusive o Volks que a senhorita dirige nas tardes de ouro de novembro, sozinha e triste como a estátua grega. Sempre que a vejo assim, o sangue acelera nas veias sem aviso prévio e canta em meus ouvidos uma canção bonita, que fala de ternura e solidão. Aí, eu lanço o olhar para a extensão solitária das praias e fico em transe, com os olhos vidrados. Pareço um colegial qualquer amando pela primeira vez, alumbrado pela complexidade do amor que vem na silhueta esguia e frágil da mulher amada. Ah! se as pupilas falassem, você ouviria tanta coisa! Saberria que estou só entre três mulheres e não tenho nenhuma... e disperso a minha angústia pelos bares não porque seja traído, mas porque não sei trair. E dentro desse paradoxo, senhorita, eu me perco há dez anos. Há dez anos caminho, a passos rápidos, para a morte... Meu encontro todas as manhãs diante do espelho mostra uma fisionomia cansada, onde os desencontros e as desesperanças são cada vez maiores. Eu sei disso, senhorita. Luto contra tudo e todos para subir, e nessa escalada, à procura da luz, serenamente me falta a grande alavanca do amor. Eu sei que o amor não se mendiga nem exige. Ele deve surgir naturalmente como a brisa do mar ou o esplendor dourado do Sol nas manhãs de verão. E, se não me enganam os olhos, é verão ainda. Lá fora há pássaros no ar e os jasmineiros, pela madrugada, destilam a sua pureza em forma de perfume. Alheio a tudo isso eu caminho sozinho, a despeito do horizonte existir. Até onde me levarão esses caminhos, senhorita azul?

Em Transe

Era preciso tomar o cálice da amargura. E amar outra Maria de Magdala. Depois da cruz, vem a ressurreição. Dentro do óbvio, a tristeza e o medo de enfrentar novos desertos. Há muitas consumações na minha vida e as lentes estão curtas para os horizontes. A poeira de grandes caminhadas não me deixa respirar perfeitamente. Seria imbecil não estar triste. Os olhos não permitem mentiras. As mãos estão quedas. Companheiras inseparáveis do meu corpo, elas refletem o caos interior. O tique-taque do relógio é mais audível do que a música de Strauss, que me serve de ópio nesta noite. Parece o baque de um malho na bigorna de meus ouvidos. Espectador silencioso da minha tensão, o tempo escorre, nervoso. Eu alinho frases arrancadas do âmago, amargas como bÍlis. E vomito-as, tentando expulsar as brumas que se adensam. Será inútil. Não sou mais o mesmo. Levaram o meu sorriso e jogaram-me no rosto a máscara dos atores. Agora não adiantará fazer perguntas. Os diálogos estão mortos.

Adeus para o Boêmio que se Foi

Quando cheguei a Macapá, em dezembro ainda, soube, através de Jaime, que você estava esperando a ordem de regresso. A lucidez já o abandonara. Além de ser avesso a hospitalais, de nada adiantaria a minha presença. Não fui, portanto, vê-lo. Seria um choque muito grande para mim, habituado a ouvi-lo noites adentro sem nunca cansar, tê-lo diante de mim calado, paralizado pelo frio e inexorável gelo da morte, que se fazia presente na matéria de seu corpo quase exânime. Porque a alma, esta havia de estar distante, esperando apenas que a medicina entregasse os pontos, como era fatal...

Finalmente, alguns dias atrás, o rádio noticiou o sepultamento do que um dia foi o seu corpo. Eu fiquei descansado, então. Não mais haveria motivo para sofrimento. Com o desenlace, você adquiriu a lucidez absoluta. Ela permanece onde quer esteja a sua alma neste momento.

Macapá dos boêmios antigos, das noites longas, das madrugadas insones, da gente amiga que vivia na Doca, e vive ainda na Ponte Eliezer Levy, essa madrugada que somente o coração do boêmio é capaz de sentir e materializar, conhecia-o pelo nome terno e amigo de Zinho. Eu sabia que o seu nome verdadeiro era Theógenes, como sabia que Zefinha chamava-se Josefa ; o que sempre valeu para mim foi a ternura de certas pessoas, como vocês dois, ex-funcionários da mesma prefeitura. Gente tão grande, que não precisará a lembrança de uma rua qualquer, porque vive cada vez mais na boca do povo, desse povo maravilhoso que é o macapaense, não violentado ainda pelas selvas de concreto das grandes metrópoles, onde

ninguém conhece ninguém, às vezes nem a própria polícia ; onde o homem virou simplesmente um número, e nada mais.

Graças a Deus, entretanto, você permanece. Permanece, porque soube, em vida, a difícil arte de fazer amigos, de conquistar atenção, dispersando muitas vezes a tristeza de muitos corações. Você, Zinho, permanecerá intocável na lembrança de todos aqueles que o conheceram e, muito mais vivo, no coração dos boêmios, especialmente daqueles que se acostumaram a vê-lo chegar, imperturbavelmente, nos seus passos notívagos, para a conversa sempre nova, no "Cabocla Jarina", quando a madrugada iniciava os seus passos de criança e, no tapete de veludo da Noite Macapaense, muito sérias, as estrelas luziam.

Em Louvor de uma Menina-Moça

É incrível que esteja chovendo agora. Você comemora hoje os seus 15 anos. E, apesar de aborrecida comigo há quase um ano, eu lhe dedico esta mensagem. Vamos esquecer ressentimentos e brigas sem valor. Afinal de contas você completa quinze anos. Penetra por assim dizer um mundo diferente e suas idéias de garota vão mudar. Posso chamá-la de senhorita nesta crônica escrita há poucos minutos. Fi-la especialmente para você ; fiz também para seus pais. Eles estão orgulhosos. Não pude comprar um presente ; não tinha com que, ontem. E hoje, domingo, dou-lhe o meu presente. Creio que seja um presente sincero, como espontâneo é tudo que escrevo. Eu o faço com a alma.

Para você, Ruth Maria, desejo-lhe tudo de bom, romântico e belo que existe na vida. Como a heroína bíblica de Moab, irmã de Orfa, esposa de Booz e mãe de Obed, pai de Esaú e avô de David, você será imensamente feliz. Como Ruth, a moabita, irá respigar num campo maravilhoso: o mundo. Tem-no agora nas mãos, quando completa quinze anos. É certo que deve preocupar-se com os dias vindouros. Mas até ele, o Grande Juiz, disse nos Salmos que não nos preocupássemos com o dia de amanhã. Não veste Ele os lírios do Vale com o tecido brilhante das roupagens simples? *Ainda que eu ande pelo vale da sombra e da morte não temerei males, porque Tu estás comigo. A tua vara e o teu báculo são estes que me consolam.* Cito de memória. A Bíblia era meu livro de cabeceira, na prisão.

Minha mensagem termina onde começa a sua. *Eu pecador me confesso.* E você, esplêndida nos seus quinze anos lindos, cumprirá inteiramente a sua missão, dentro da

lei de Moisés e Jeovah. Que Deus portanto a abençoe e abra-lhe os braços, senhorita Ruth Maria dos Santos.

(Lida na Rádio Difusora de Macapá. Maio de 1965.)

Elogio e Crítica de um Jogador

Há uma muralha isolando o seu mundo.

É um massacrado do dia. Escravo da noite. Sombra vagante da alta madrugada.

Ninguém até hoje o entendeu. Sofre, luta e chora. Ama. Vive dos nervos. Estes o aniquilam ou elevam-no.

Joga na roleta, no pôquer ou no sinuca a própria vida.

No código de um jogador não existem convenções de honra. O jogo é amoral.

Já foi explorado em quase todos os sentidos. É difícil explicar por que um homem chora junto a um quadrado verde.

E chora, mesmo.

Ri e enlouquece. Trava a alma...

A mesa de jogo é a câmara escura revelando recalques e complexos de um homem. Nada melhor para um psicólogo.

No trânsito de alguns minutos nascem fortunas e surgem falências.

Entra-se rei e sai-se como mendigo. A manhã trará a grande decepção. O sol, o amargo dos frutos perdidos.

Mas nascerá um novo dia. Ele volta ao pano verde da ilusão. O jogo é o seu senhor.

É um fantasma que desafia todos e tudo por coisa alguma.

Uma torneira aberta para os *arcãos de mala suerte*.

Ontem, cortinas de seda, cortesãs de luxo e perfumes franceses ; hoje, bonecas de pano.

Diante dele, a extensão do mar, a solidão das praias. O medo do ignoto, a angústia desesperada. A frieza das mãos.

Ao fundo, um grito rouco desperta-o do letargo:

— Ganha a casa!

O jogador penetra silenciosamente a noite, à procura de si próprio. A noite o recebe com o azorrague da solidão e o riso falso das prostituídas, imagem serena dele mesmo...

(Publicada em *A VOZ CATÓLICA*. 08/08/1970.)

Vinte e Seis de Janeiro de 1970

São quatro horas no bar do Wilson. É o fim da Alcindo Cacela, onde começa a Noite, que termina no Bar do Parque. Luzes coloridas pisca-piscantes e um pouco de penumbra mal distribuída. As brumas galopam e a madrugada é fria. Vejo rostos tristes, sorrisos que afivelam angústias, e muitas faces brancas, maquiladas à japonesa. A subnutrição explode nos meus olhos ; entretanto eu sorrio em frente da miséria e acho graça da morte. Há duas companheiras de infortúnio ao meu lado e converso com elas como se fossem amigas. Elas são diferentes: não amam o dinheiro. Eu acredito durante alguns minutos... Elka e Eliana, dezenove e vinte e um anos. Por que estarão aqui? Será apenas pelo prazer mórbido da ninfomania? Agora descubro que elas mentem... Num passe rápido, sumiu o topázio que eu trazia na algibeira. Vou buscá-lo nas mãos de uma desconhecida sem-vergonha, e muito bonita. Tudo ao redor é fantasia. Não há nada autêntico.

A crônica tem de ser musical, com a voz chata de um baiano no alto-falante descontrolado. Pela primeira vez sinto o impacto terrível de madame solidão... A ferida dos escarros me deprime, mas procuro andar sem curvar o pescoço para qualquer cretino. Somente Deus poderá me abalar, e Ele está ao meu lado sempre que vão mal as coisas. Olvido o tratamento principesco de um amigo crápula e a sua inteligência privilegiada... Esqueço tudo, até por que nasci num dia de sábado, quando era novembro, e havia muitos pássaros esperando mais um vândalo para o mundo.

Neste domingo Condor-ido já não existe mágoa ou indiferença. Compreendo por que me escarram ou amam.

Eu sou autêntico. Deveria ter nascido em Carnaby Street. Pelo menos assim estaria mais acomodado, ainda que iludido com esta consciência. Não seria chamado de louco e gastaria a minha pensão em libras tomando, com certeza, gin com soda.

Há uma fila imensa de estudantes em frente ao IEP. São moças à espera de vagas. Chegaram pela madrugada. Há também muitos mendigos profissionais, vindos de longe, jogando a culpa em Belém do Pará.

As mangas fazem estrondo no telhado da livraria ambulante. O céu está nublado como os meus caminhos. Mas acredito em Deus, senhores. Sei que não estou sozinho...

Em Trânsito

Janeiro, em Belém. Eu olho para o céu e vejo chumbo. O firmamento está fechado. Pela manhã, a chuva ensopou meu paletó... Há muitas ruas na minha frente, mas meus olhos estão cansados e os horizontes azulam na distância. Entretanto, dentro da alma, existe aquele alumbramento do primeiro beijo. Lembro-me dela, e a saudade aumenta.

Mais tarde, quando a madrugada for uma promessa linda antes do sol, estarei muito triste olhando a Praça Quinze, de Belém. Não importa. Os caminhos continuam. Meus roteiros azuis permanecem insistindo novas aventuras. Eu sei que devo seguir.

Mas aonde me levarão esses passos, dentro da noite escura, naufragando ilusões, sepultando esperanças? Até quando o fígado e o corpo suportarão o processo da morte, que sinto queimando o meu sangue, deixando sal na minha boca? Olvido o choro e esqueço que possuo alma. Deslembro minhas saudades, destruo minhas ternuras. Daqui para frente meus passos são dados no escuro. E as brumas se adensam nas retinas cansadas de amargar *Dolores*. Onde anda Leonora, e onde foi sepultada Margarida, a freira que morreu menina? Oh, meu Deus! Até quando serei eu um cigano sem alvos? É preciso caminhar!... Ontem, quando era noite, visitei Max Martins e li traduções de Lorca; peregrinei do Largo da Trindade ao fim da Avenida Ceará. Hoje andei de táxi e visitei o Garrafão... Contrastes que se avolumam em meu ser Condor-ido. Mais tarde virão Cecim e o peruano Enrique, e nós iremos deflorar os últimos restos de pureza que a noite nos reserva. Pastana não irá. Hoje ele ficará brincando de boêmio na sua cabina fria. Saravá, Jacques Flores e Bruno

de Menezes! Vocês é que foram boêmios de verdade no
Pará...



Canto para Maria Soledade

Não te vejo, mas te sinto em muitos aspectos de minha vida, dentro do tempo e do espaço. Mulher morena, de alma azul, cravada em aço. Esse é o teu retrato que assoma de repente sem como nem por que. E me obriga a te realizar em forma e sentimento, com uma força impossível de precisar, porque é onisciente e me mostra num relâmpago a minha fragilidade, que não se liberta para o vôo cósmico do *vir a ser*. Como um escravo, curvo-me diante da Olivetti ; como um robô, olho a máquina verde e entro em transe. Ainda há pouco quis te chamar de Soledade. Para ser mais claro, —Maria Soledade. Imaginei tecer um canto para Maria Soledade, dona do mar e das estrelas, vivendo dentro de todos nós. Como um vendedor de sonhos, deixei-me levar pela fantasia. Mas sei que não há fantasia, nem canto, nem Maria Soledade. Há mensagens que devo transmitir para me libertar, para me expandir. Porque o homem é a eterna expansão dentro do Cosmos ou do Anticosmos.

Dizem que Deus é uma esfera infinita cujo centro está em qualquer parte dessa mesma esfera. Não procuro entender, nem posso. Mas creio. Creio porque o sinto em todo milagre de criação. Sinto-o no choro de minha filha, na fidelidade de meu cão e nos jasmims da madrugada; sinto-o na subnutrição do filho que se agarra ao seio magro de uma pobre mãe, e na força dessa mãe ; sinto-o no olhar triste do operário esmagado por um salário de fome, no clamor tremendo dos homens pela liberdade, na aleluia sangrenta dos campos de guerra. Sinto-o no bem e sinto-o no mal, pois sei que um e outro são um apenas. E resta ao homem reformar-se para reformar o mundo. Sei que na verdade não se pode criar. Pode-se plagiar, consciente ou

não, porque a matéria das criações humanas é divina ou cósmica. Dá no mesmo.

Haverá razão para escrever esta crônica? Posso responder que sim. Não há efeito sem causa, nem aço sem têmpera. Por isso, Soledade, te dedico estas linhas. Tu me ouvirás no coração de ricos e pobres, grandes e pequenos. E, na dissonância deste canto, me abrirás teus braços. Braços que existem como rios de vida, a grande irmã da morte, no universo de todos os homens. Amém.

Hoje, quando Amanheceu

Onde estavas ontem, quando era tarde e havia um sol de veludo vermelho pendurado no céu? Procurei o teu perfil no rosto de todas as grã-finas que passavam na Cândido Mendes. O conhaque amargou no cálice. A música envelheceu em meus ouvidos. Veio a noite. E não apareceste. Onde estavas, pequena? Depois procurei outros bares de estilo: entrei no Gatto, bebi algumas lours no Ojuara, e subi ao Glória. A noite estava no primeiro estágio de perdição ; não te encontraria mais. Só havia um roteiro : ascender ao morro das escravas brancas, onde há *veneno*, acordes de cítara e efeitos psicodélicos para variar.

Acordei agora, no meio de lençóis amarelos, com um cheiro reles de perfume barato nas narinas. Há duas crianças raquíticas sentadas, no chão ; um copo de café ralo entre as pernas, e muita tristeza nos meus olhos, – um pavor enorme do amanhã. Há também alguém que oferece sexo e guarida, por alguns trocados. Uma garota nova, de dezesseis anos, que não conhece a vida, tem várias entradas na polícia, dois filhos em cima das costas, e não sabe ainda o que vai comer... Tudo isso é muito triste e bruto, mas é verdade, entra pelos olhos e eu tenho de sentir. Como falar do Azul, se a bÍlis da miséria me castiga esta manhã?

E lá fora é domingo. Dia de sol e desfile de moças bonitas. Mais tarde, no terraço do hotel, nem eu me lembrarei disso. Estarei sorvendo o meu drinque, muito à vontade, como um pequeno burguês... Olharei elegantes da alta roda e comentarei sobre a beleza dessa ou daquela mulher. Esquecido talvez de que, entre as paredes tristes de um pequeno quarto, uma garota, que tem o direito de viver,

apodrece como um molambo qualquer à espera da noite...

(Publicada na *Folha do Norte*. Maio de 1972.)

Liamba, Bolas e outras Drogas

A avalanche de entorpecentes que assola São José de Macapá começa o galope da miséria e atinge filhos e filhas do Top e Down Set macapaenses. Os pobres fumam maconha ; os ricos tomam bolinhas ou aspiram cocaína.

É uma situação bem triste. A maconha vem de lugares como Vigia, Bragança, Maranhão e adjacências, e aqui chega pelo Porto de Santana, onde marujos e vagabundos sociais fazem a sua fêria colorida através de um ou mais *baseados* que atravessam inconscientes para moços e moças estudantes sem prévio conhecimento do caminho infernal que iniciam a pisar...

Anos atrás, o escritor mineiro Paulo Mendes Campos escrevia, na revista Manchete, sensacionais crônicas intituladas *A Maconha, Essa Desconhecida*. E nelas o poeta sofisticado reconhecia ser a maconha o paraíso terreal dos pobres e fracos de espírito, quer dizer : dos covardes, dos ex-homens, dos filhinhos de papai, dos desiludidos da vida.

Através dos efeitos psicodélicos da *cannabis sativa* sente-se o homem quase uma entidade divina ; liberta-se da angústia e, por algumas horas ou momentos, atinge o *nirvana* falado pelos iniciados indianos e persas, entre os quais fuma-se e mastiga-se até hoje o cânhamo da Índia ou haxixe.

Os hippies, entre eles os Beatles de saudosa memória, usaram tudo isso, especialmente John Lennon, o intelectual do grupo. Sob efeito de drogas, inclusive liamba ou marijuana, e L.S.D, eles criaram muitas obras-primas do iê-iê-iê. Nós, da geração do pós-guerra, tomamos a nossa cerveja, bebemos o nosso uísque nacional ou

incursionamos no Ron dos flibusteiros. É bebida para homem, como diz, muito certo, o cantor inglês que quebra femininos corações americanos.

Mas essa geração de agora, que fala em flores e foge da guerra, através de ações muito piores dentro das guerrilhas de verdade e perversões tóxicas de fantasia ; essa geração flácida, picada de agulhas, morrendo na BR-3, não serve mais!

Para essa geração apagada, inclusive na música, aí vai o meu recado de boêmio, amante da noite, perdido no sonho azul das estrelas do verão macapaense : Está na hora de parar, mocinhos! Maconha, cocaína, crack, ampolas de Perventin e outras drogas não é papo para homem, não. Isso fica para os desfibrados, para os imbecis. Saiam para a luz clara do dia e comecem a olhar ao redor. Há muita miséria precisando de braços sem perfurações, de olhares normais e corações corajosos! O Brasil precisa de vocês. Mas ninguém vai colocar a Pátria, nem suas filhas, em mãos trêmulas e faces pálidas, de angústia e medo.

Experimentem a endorfina do Amor! Quem ama não precisa de drogas. Nem tem medo, porque vive dentro da Harmonia.

Em Homenagem ao Mestre

Transcorre hoje o Dia do Mestre. A linguagem é profunda para definir a essência oceânica do vocábulo. Mestre ou Professor é aquele que conhece e transmite, com autoridade, conhecimentos a alguém e, desta maneira, pode clarificar uma personalidade ; Mestre é aquele que lapida o diamante de um caráter, adulto ou infantil, permitindo que o indivíduo atinja objetivos antes intangíveis ou inatingíveis. Definir o Mestre é hermético; elogiá-lo é possível. Posso eu fazê-lo, nesta noite que começa e neste *programa de saudades*. Posso fazê-lo porque, na minha vida de estudante, nada seria sem eles. Vivos ou mortos. Falando com o povo, transmitindo o Verbo, como o Mestre às ovelhas tresmalhadas, no Grande Sermão, ou sofrendo como um Inácio de Loyola ; fazendo poesia como Manuel Bandeira e Gabriela Mistral, ou música, como Oscar Santos, a palavra do Mestre modifica o espírito para melhor ou pior. Pode trazer da lama um demônio, e transformá-lo em anjo ; pode transmutar um garoto inocente em perigoso marginal. Depende do que ensina, e como.

Neste Dia, nós outros homenageamos o professor dos cursos Básico e Superior. Ambos podem ser sacerdotes. Ou profissionais : Visar ao dinheiro ou à formação do discípulo. Prefiro os últimos, e graças a Deus aqueles que homenageio são verdadeiros. Desde Olívia Idália Tietê, Yole da Silveira, Deusolina Farias e Annie Viana, até Enrique Alvarez, José Benevides, Antônio Munhoz, Paulo Guerra e Raimundo Pantoja Lôbo. Professor no Amapá e na Amazônia é sinônimo de soldado. Mormente no *Hinterland* – Oiapoque, Mazagão, Calçoene e Amapá. Em todos os lugares, lá estão eles, de ubá ou motor de popa, a

pé ou a cavalo, sem o luxo da civilização, enfrentando as endemias rurais e o meio agressivo da Hiléia, melhorando o Brasil do amanhã.

Mestres humildes ou ricos ; formados ou leigos, eu vos saúdo. Sem vós o barro humano é coisa alguma. Homem algum pode crescer sem ensinamento, sem professor. Até o autodidata pouco representa sem o auxílio de um livro, os “mestres mudos”, no dizer de Antônio Vieira.

Mestres da Amazônia e do Brasil, a vós ofertamos flores. Rubras, brancas e amarelas ; a vós humildemente agradecemos o ensino que dinheiro algum pode pagar!

Que este Dia e os outros sejam, através de vossos alunos, a grande recompensa. E o Mestre, *aquele que falou em Aramaico*, seja sempre o vosso grande protetor!

Manoel Bispo, um Talento que Surge

Poetas e artistas, há uma boa nova nos ares de Macapá : Nasce o primeiro canto de liberdade de Manoel Bispo. Cristais das Horas aí está. O poeta adquire com este grande livro um lugar de destaque entre os bardos do Norte. Eu já lhe disse que a poesia nasceu para os cantos liberais, para o brado das multidões, para o vôo dos condores, que o tísico genial *escarrava* entre os braços de Eugênia Câmara e o lirismo de Agnese Murri. Poesia que fica na gaveta e se mostra apenas a amigos, não é poesia. Um talento como Manoel Bispo, honroso para o Amapá, não merecia a sufocação espúria dos recantos sombrios; nasceu para o sol, para a luz, para o verão, para a juventude ; para o público, ainda verde, e capaz, de Macapá.

Cristais das Horas (gravei três poemas no estúdio do Edivar) é a *construção* do poeta entre paredes de vidro, vergalhões de aço e muito ar. E não se alegue que não há mercado. Todo operário é digno de ganhar seu pão. Todo artista é capaz de ser feliz. Mas é preciso ousar ; romper barreiras para os caminhos da fama, tecer coroas para os roteiros da glória, ainda que o reconhecimento venha tarde. Não se deve esperar pelo público. O público é o grande instrumento do artista.

A poesia de Bispo traz lembranças patentes de Pessoa, Bandeira e Cecília Meireles. Às vezes, em meio a um verso qualquer, explode o lirismo satânico de um Neruda, a ternura magnífica de um Lorca, a placidez estéril e genial de Carlos Drummond de Andrade. Bispo é musical como Alencar e Silva, tímido à maneira de Mário de Andrade e sintético ao jeito dos amargos. É um poeta de participação

lírico-social, se me permitem. E para mostrar-lhes um pedaço de seus Cristais, aí vai uma amostra de minerador :

Anelo

Ser como o vento
ou pássaro azul
sem grilhões
e sem ponteiros
solto na vida
e senhor das madrugadas.

Ter uma rosa,
simplesmente uma rosa,
até mesmo um lírio branco
como talismã.

Caminhar verdes caminhos de ninguém
com a alma leve de alegria
e da ternura fácil das crianças.

Ter mãos puras e dadivosas
e na boca agradecida
a prece do homem liberto.

Sexomelopéia

Isto é uma cantiga para o Sexo. Para o sexo de todas as mulheres do Mundo. Negras ou brancas, ruivas ou morenas. Virgens ou heteras. Mulheres frias como icebergs ou quentes como o Etna. Mas eu não quero uma canção vulgar. Porque o Sexo está ficando muito importante. Muito mais importante do que o sorvete do Santa Helena, meus senhores. E, a despeito de ser uma coisa adocicada, começa a tornar tantã o cérebro de muita gente. Não existem mais neuroses ou corações palpitantes. Existem símbolos e *phallus*, hímenes e flores. Uma repetição tremenda da Crônica Escandalosa dos Doze Césares... Primeiro era o Ópio. Agora é o Senhor Sexo. O Sexo é a Bomba. E não me digam que não. Eu vejo todos os dias conversas de esquina. E tenho espiãs em salões de beleza. O corpo não existe mais. Acabou-se a arte de imaginar um corpo de mulher. E para que imaginar, se o supremo milagre da minissaia coloca o seu conteúdo às claras?

Eu prefiro a elegância das pantalonas. Mulheres dentro de pantalonas adquirem um brilho especial. Vistam as pantalonas, usem palazzos e tenham a certeza de atrair os olhares masculinos, senhoritas. Mas, cuidado : o ingrediente natural será reforçado. O sexo passará a ser muito sexo. E o sexo é uma arma bigúmea. Remédio e veneno, liberdade e clausura. Tem levado homens a criações de obras-primas de beleza, à monstruosidade das guerras. Deve ser um meio, não um fim. Um hábito, não um vício. Por isso, explorem os seus atributos físicos com naturalidade. Na vida as coisas necessárias devem ser tratadas com carinho. Sem usura e excessos. Com a serena ternura que merecem de nós as coisas

que o Senhor Deus nos confiou, depois da queda do homem no jardim verde do Éden.

Cantiga para a Mulher Amada

“Você não tem jeito, mesmo. Só vem pela madrugada, quando os galos estão cantando. Não compreende as convenções, não respeita o sono dos outros... Parece um *hippie*. Mas você não sabe também que aqui não dá para levar a vida deste modo? E ainda chega com cheiro de rum e perfume francês, fazendo pouco da minha paciência, aumentando o meu ciúme. E esta marca de batom na camisa limpa por mim? Ah, meu Deus... Só eu mesma posso aturar você...”

Assim você me recebe todas as vezes no meu passo de notívago consumado, rompendo a noite e o frio das manhãs, com os olhos injetados e sombrios, carregando dentro da alma a angústia de séculos sem fim... Eu tenho apenas vinte e oito anos, querida.

Lembra do nosso primeiro encontro? Havia ternura até no sol, e meu irmão, o vento, fazia poesia nos seus cabelos negros de índia oriental. Você é para mim a coisa mais linda deste mundo. Junto a você o tempo passa mais depressa e eu esqueço a miséria que me cerca em pleno Natal... Olho dentro dos seus olhos e fico alumbrado pelo colorido que eles transmitem. São olhos naturais e místicos com o toque real que a pureza comunica em pessoas bem raras... Foi você o meu presente de Natal. O presente mais lindo que eu recebi depois de adulto! Após o mundo me castigar várias vezes, sem explicação aparente, você surgiu. E caiu em meus olhos uma chuva de prata e a noite se fez clara como a manhã em que aquele *Menino* apareceu para os homens simples. Não sei como terminar esta crônica. Queria que ela não tivesse fim... Queria que ela fosse sólida como os carvalhos e terna como a Estrela da Manhã. Mas

sei que tudo é temporâneo na vida da gente. Os grandes milagres sempre deixam saudade. Eu seguirei novos caminhos à procura da eleita e brilhante estrada dos conquistadores. E quando conseguir atingi-la talvez a neve das borrascas tenha-me transformado a cabeleira bonita, e meus sonhos jovens envelhecerão... Mas a sua lembrança, surgida no Natal de 69, estará comigo em todos os momentos. O seu sorriso e a sua voz me acompanharão vida em frente. O contato suave de sua epiderme estará no meu sangue e nos meus nervos. Ainda que haja lágrimas, elas serão doces ; e a fronte alta, de que me orgulho, reterá a sua imagem durante minutos. Minutos que a violência implacável dos anos tentará romper sem conseguir jamais...

Vênus Brilha no Céu de Julho

Não sei por que de repente, nesta noite que escurece, Vênus brilha mais intenso no céu de julho. Entrou pela minha janela, brincou de relance nos meus olhos de cigano húngaro e deixou no coração o sinete dourado da alegria.

Deus, em forma de canção, surgiu. E o anjo do poeta tangeu a lira de prata. Entoam-se cantigas de amar e viver. As janelas de minha casa estão iluminadas. Brilham estrelas no azul. Isnard Lima casou. Um poeta ficou solteiro e os jasmims da madrugada acendem milagres para os transeuntes noturnos.

Não sei o que me reservam os arcanos na roleta da sorte. Vou-me embora pelos caminhos, rolando na mão a bola de cristal dos gitanos antigos. As deusas aparecem e somem no torvelinho das minhas fantasias e no baralho das ilusões todas as cartas são azuis. Meu amigo, o príncipe Ramir, mandou-me um isqueiro do Japão e o Señor Antonio Pontes, um jogo de café. Madame Isaias enviou-me prata para tomar um Moca árabe nas manhãs de inverno. Os presentes vieram de toda a parte. Porcelana e prata para as despensas do poeta errante ; cristal para deleite dos restos hepáticos e veludo para as horas mais íntimas.

Não tenho de que me queixar. Começo como um príncipe e posso terminar como Deus quiser. Minha linha da sorte está ótima. A elite esteve em minha casa. Naquela noite feliz, minha mulher, foram lançados os *dados de Cupido*. Que existem rosas e espinhos, eu também sei. Sei ainda que em minhas mãos, mui finas e firmes, o retrato de um filho se forma a pouco e pouco. Para não machucar a rosa, mergulho de corpo e alma nesse corpo moreno.

Nestes Instantes Finais...

Há um cansaço tremendo no meu rosto e meus olhos estão tristes. No caminho do amor há sempre decepções compreensíveis. Às vezes as razões superam as expectativas... Nessas ocasiões, o espírito, se é capaz de sentir alguma coisa, alimenta rancores difíceis de explicar através de palavras simples... Eu estou sem graça nestes momentos. E é preciso que você compreenda que, sendo poeta, tenho um coração capaz de sentir muito mais o impacto de uma frustração. O velho sentimento é o meu calcanhar de Aquiles... Até quando ele me perseguirá eu não sei. No dia em que as batidas do órgão da vida deixarem de ser fortes no meu *ser* não serei mais poeta ; talvez esteja feliz, então. Não precisarei chorar nem sentir mais as feridas do Amor. A despeito de meus vinte e oito anos, carrego nas costas um fardo além das forças que Deus me concedeu. Compreenda isto agora ou nunca mais. Creio que estou sendo muito suave. Muito terno, mesmo. Você merece muita ternura dentro da sua solidão. Uma mulher, como você, foi feita para o amor. Exclusivamente para o amor... E não pode, não deve ficar ausente da vida. Pode acreditar em minhas palavras. Você sabe que eu não estou mentindo, não é? Mas as palavras bonitas ditas por mim talvez não lhe inspirem confiança. Eu sou um moço de vida irregular que aproveita mais os mistérios da Noite que outra coisa qualquer. Julgue friamente o que digo. Não lhe suplico coisa alguma... Peço-lhe apenas para pensar. Nem lhe digo também o que deixei de dizer... Não é preciso. Saberei que você me entenderá. E isto me basta nestes instantes finais, quase amargos, mas ainda sem despedidas ou adeuses...

Uma Chama que se Apaga

Deixo a máquina de lado. Apanho a caneta, e em meus ouvidos ainda roncam os motores do jato que partiu. Nos céus de Macapá nuvens cinzentas pintam saudade. A marca do adeus se dissolve no firmamento de prata de dezembro. Malvão vai embora com o ano que morre. Não há lágrimas nos meus olhos : apenas uma angústia pesada atinge meu corpo, crispa nos meus dedos e a pena arranha este papel branco como se fosse sangue. A emoção matou meu amigo. E talvez agora ele me esteja olhando. Com seus olhos muito limpos e a cabeleira de algodão, o velho médium curador está sorrindo. Nem triste nem alegre, meu pai lhe deu as boas-vindas no Aeroporto do Adeus. Eles trocam palavras difíceis demais para a minha compreensão. O branco ficou queimando o carma dos encarnados. Por isso há uma ausência profunda no meu universo afetivo. Mas compreendo que o caminho de Osvaldo Piracicaba Malvão nos roteiros do Astral será azul. A sua missão cá na terra era curar os enfermos da alma, aqueles que a Psiquiatria taxa com o rótulo da loucura e não têm loucura alguma. Meu amigo pertencia à unidade dos privilegiados seres de exceção. Homem na alma e no corpo, o pernambucano que partiu pertencia a uma elite que vai morrendo aos poucos e não se encontra mais, como Joãozinho Picanço, Pirico Costa, Pina, Clodóvio Coelho e outros mais que a memória esquece. Com Osvaldo Malvão a União Espírita do Amapá perde um grande elemento e as tendas ganharão um novo companheiro. Malvão vivia para o próximo, esquecido dos bens materiais. Podia ser rico, com seu dom. Mas dava de graça, abria a algibeira para os infelizes, franqueava a alma para os desgraçados. Por isso, nesta tarde violeta e triste, eu

lhe envio os meus respeitosos sentimentos de saudade. Aceno o meu lenço branco e apenas lamento que ele tenha partido sem me avisar. Saravá, meu pai-de-santo!

Para o Amigo João Carlos Gomes

Depois de sete dias, sete noites, sete pontadas, a aura de tua presença continua no meio de teus amigos. Indelével, contagiante, atingindo os próximos e os mais distantes ; grandes e pequenos. Minha filha Irna, há alguns minutos atrás, tinha os olhos marejados de lágrimas. Perguntei-lhe, na casa de José Veríssimo, o que sentia, se havia sido atingida por alguma injustiça em seu pequeno-imenso mundo de criança. E, numa explosão de soluços, ela respondeu : “Estou com saudade do João Carlos”. Tâmara também sentiu muito a tua partida.

Por mais preparada que seja a criatura humana, a ausência definitiva da presença física de um ente querido é insuportável durante os primeiros momentos da transição. Não falar, não sentir, não conversar, não mais tocar na estrutura material do que foi o seu corpo, infunde sobre ela um enorme sentimento de perda. E de revolta.

Aqui ficamos nós, os teus amigos e irmãos, imersos num mar de desencantos. Continua, ainda, nesta ilusória projeção do mundo, o soluço daqueles que te pranteiam. O elogio para Robelino e Luís Alberto, e o repúdio para o médico omissor do Pronto Socorro. Permanece a dor silenciosa de “Nêga”, mãe e heroína, amiga e confidente de tua curta passagem pela terra ; sobre o rosto ambarino de Maria de La Luna também caminha a tremenda lacuna que deixaste. Depois da mãe, foi a que mais te amou.

É lamentável que tenhas ido tão cedo, companheiro. Quando havia muitos planos para projetar sobre o cristal da vida. Mas começo a compreender que estás em paz. Finalmente, podes voar sem a sensação do perigo te espreitando, solerte, em alguma esquina da General

Rondon, ou de outra rua qualquer. Poderás estar, agora, em vários lugares ao mesmo tempo. Vestido em tua roupa imaterial, não precisas mais da máquina, nem de Honda, nem de droga alguma, porque vives a liberdade, porque adentraste o universo ultradimensional onde existe a divindade.

Cavalheiro João Carlos Gomes, bancário, nascido em Viana, lá no Maranhão. Amigo do peito, filho de Raimunda Fernandes Gomes ; boêmio e poeta bissexto, amante das mulheres e amigo das crianças, recebe o abraço astral do companheiro que ficou. Nesta bela tarde de domingo, com um céu muito azul, o verão aos poucos se acentua. Mas um frio de inverno rodeia a matéria, meu amigo.

Um Natal bem Lindo

Onde anda Leonora, a moça triste de ontem à tarde na porta do cinema? Leonora, a de cabelos noturnos e olhos cheios de mar? Leonora é muito bonita e não pode entrar nos salões de alta sociedade, porque é pobrezinha. Onde anda Leonora? É preciso que me digam onde está Leonora. Leonora é artista... Leonora é poeta, e eu não posso passar esse Natal sozinho, longe da sua ternura. Preparei a mesa e comprei círios coloridos para a Ceia que virá. Leonora vai ficar muito contente... Eu mandarei chamar um cigano amigo para tocar violino e alguém recitará poemas de Gabriela Mistral e García Lorca para nós dois. Será muito lindo e terno. Mas Leonora merece muito mais. Entretanto, na minha riqueza de poeta, não lhe posso oferecer coisa melhor... Assim mesmo ninguém terá um Natal mais bonito em Macapá. Isso me consola profundamente. Aí vai portanto o meu recado para o Mundo: Encontrem Leonora, com urgência. Digam-lhe que estou ansioso pela sua presença. Digam-lhe também que não se preocupe com meus bolsos. Eu tenho muito dinheiro para gastar neste Natal e eles estão à sua disposição. Que traga suas amigas pobres, se quiser. Traga as crianças vadias do seu bairro. Minha casa é pequena mas há sempre lugar para mais um...

Há muita cerveja Skol na despensa. E que me perdoe essa confiança de convidá-la para cear comigo. Eu sei que meninas-moças são desconfiadas, mas tenho boa reputação. Acontece que procurei demais e não encontrei ninguém mais digno de me acompanhar essa noite feliz, senão o meu amigo poeta e Leonora. Dêem este recado à menina, pois não sei se a encontro. E muito obrigado pelo favor...

Receita de Poema para Maria Rosa

Deixe o sol entrar pela janela e beijar seu rosto. Então, olhe para bem longe, com os olhos bem limpos. É difícil olhar com os olhos limpos. Não importa. Tente. Você é poeta. Depois, use um daqueles Hollywood de ontem à noite, e penetre o horizonte. Ou deixe-se penetrar por ele. Você é mulher. Mas olhe com inocência. Você ainda é menina. Por isso poderá dimensionar o Universo de sua janela telada, lá no alto, com pureza de criança. Procure ficar isenta de coisas terrenas. Não impeça as lágrimas, se elas surgirem. Você sabe que as lágrimas são toques de ternura e bem poucos sabem chorar. Feito isso, abandone-se. Totalmente. Espere que o poema surja em seus ouvidos, com a música do mar. As primeiras palavras arripiarão os seus cabelos, suavemente. É o prelúdio da posse. Mastigue as palavras para que elas saiam vermelhas de sua boca. E possua o papel branco imediatamente. Transforme-o, insufle-lhe vida. Escreva com o seu sangue, as suas dores, a sua alma. Não tenha medo de surgir, nem dos seus dezessete anos. Olhe-o com ternura. Ame-o. Um poema nunca deve ser olhado com indiferença. Afinal de contas, é um filho seu. E depois de amadurecer o seu olhar sobre ele, depois de beijá-lo várias vezes, traga-o às minhas mãos. Juntos, mas bem juntos, veremos se esse filho é digno de ser mostrado ao Mundo.

(Publicado em a *Voz Católica*. 08/11/68.)

Às Mães do Mundo Inteiro

Uma homenagem às mães não pode ser pensada no sentido em que existe convencionalmente a palavra pensamento. Pensar, puramente pensar, não revela sentimento. Refiro-me àquele sentimento que há dentro da alma, gravitando no miolo do *cosmos corpóreo* que todos nós temos, independente de palavras ou quaisquer outras convenções humanas. Não falo em Dia das Mães porque nesta hora, em várias partes do mundo onde a fratura das guerras impera, milhões de mães não percebem que hoje transcorre um dia oferecido a elas. Entretanto nessas regiões onde a desigualdade humana se mostra cada vez mais clara, mutilando lares, apartando casais, corrompendo o homem e conseqüentemente a família, as mães são ainda a demonstração da beleza, a força da ternura, os clarins do Amor, iluminando com a luz de seus amores, imunes às guerras, o mar de atrocidades e misérias que se comete impunemente em nome de ideais escusos e de uma liberdade que não existe.

Não falo em Dia das Mães. Para mim, que sou filho, minha mãe é uma existência, uma vida, perenidade de sacrifícios, renúncia infinita, dedicação extrema e além de qualquer egoísmo grosseiro. Dizem os poetas que em Língua Portuguesa mãe é um nome que não possui rima. Mãe rima com mãe ; fora de mãe, só mãe, mãe, sempre mãe... Vejam os senhores, portanto, que, em versos, não há como definir o nome. Nem em prosa. Aliás um nome é um nome, mais nada. Poderia ser Rosa, Lágrima dos Caminhos, Alba das Renúncias, Mar das Consolações ou Lírio das Alegrias, todos eles nomes apropriados mas de limitada

significação, como todos os nomes. Mãe é um fato, e um fato não se define : vive-se, cada um à sua maneira.

Não me lembra quem afirmou que por trás da sombra de um grande homem há sempre a *humildade* de uma grande mulher, e complemento eu : quase sempre de uma grande mãe. A aparente fragilidade das mulheres é a fortaleza dos homens. Indiretamente, são as mulheres que governam o mundo. Lembro-me de Krishnamurti : "...renunciar ao mundo é compreender o mundo, e, não, fugir dele. Para o compreenderdes, tendes de *olhar*, tendes de ver muito claramente. Quando vêdes com clareza, amais. Vós não tendes amor no coração ainda que discurseis sobre o amor." São as mulheres mães, senhores, que possuem a faculdade de *ver* a alma de um filho e portanto amá-lo, seja ou não este filho execrado pela sociedade. Por isso a humildade das mães é tão importante: somente dentro da humildade se pode ver com clareza, e desta visão penetrante surge o Amor, que será sempre o remédio para todos os males.

Neste mundo conflituado em que vivemos é especialmente das mães que deve vir a grande mensagem do Amor. É da *escola* básica de um coração materno para o outro, formando uma *corrente* impossível de ser quebrada pela grossura das guerras, que deve nascer a mensagem do Terceiro Milênio : uma era de amor e fraternidade entre os homens, sem distinção de sexo, cor ou classe social. A Revolução Mundial não se encontra nas ideologias políticas nem nas ogivas dos mísseis atômicos. A Revolução Mundial, sem dúvida, mora no coração de todas as mães do mundo. E deve começar a ser feita ainda com o filho no ventre, preparando-o com a couraça do AMOR para vencer aqui fora a podridão das guerras.

Dia das Mães - 1975

Folclore de Julião, Festa do Povo

Primeiro foi a professora Edna Cunha, incansável mestra de orfeão, mostrando ao povo detalhes do folclore brasileiro, um dos mais ricos do Mundo. Estudantes do Colégio Amapaense e IETA cantaram a tradição do nosso povo ; essa tradição que não pode morrer, porque a sua morte é reflexo de fraqueza e a sua vida mostra a força da raça, o sangue que corre nas artérias, a beleza que vive em sua alma, seus momentos de tristeza e seu canto de liberdade. Povo sem folclore é povo morto ; não ama suas raízes, não merece ser povo.

Depois, veio o espetáculo da noite : O maestro da Banda da Polícia Militar de Macapá, que vou chamar Banda Plácido de Castro, entra em cena. E a Plácido de Castro deu um show, um banho de interpretação, meus senhores, que ficaram em casa. Tem um maestro que não está no gíbi. O homem sabe reger, os caras sabem tocar. E foi aquela comunicação que nós vimos : O público, a princípio em silêncio, foi elevando de temperatura e, quando a Banda tocava as últimas canções, entrou com a sua participação, cantou com os músicos, numa solidariedade emocionante. Eles tocaram o que o povo canta: Concerto para um Verão, Eu Quero Ter um Milhão de Amigos, Jesus Cristo e o último sucesso de Deno e Dino. Esse maestro não pode sair do Amapá. Essa banda tem de gravar um elepê. É uma obrigação e uma homenagem à Cultura do Povo; o Folclore, os festivais amapaenses, as músicas da nacionalidade estão aí esperando pela Banda da Polícia. Eu afirmo que vai ser sucesso. Nós temos muito que mostrar ao resto do Brasil. A hora é de gravar. Agora ou nunca.

O espetáculo prosseguiu com o bumba-meu-boi, de Mazagão Novo. O povo poderá ver, em setembro, a imortalização desse Boi numa exposição do Peixe. E o povo sempre vibrando ; o povo sempre aplaude quem canta o que é seu. Veio a apoteose final, a glória da raça amapaense, o folclore de Julião, o Marabaixo dos Negros. E aí eu parei : parei para ouvir, porque tenho de ouvir o que é povo, o que canta o povo moreno do Laguinho, porque ao negro muito deve o Brasil de hoje. O Marabaixo estava ali. Olhe, Paulino, se você partir amanhã, já tem nome na história, como seu pai, mestre Julião Ramos. Nome, como deixaram mestre Ladislau e Benedito Sena, o velho cantador ; como deixarão, um dia, mestre Martinho, mãe Venina, Felícia e Titéia, que puxa um Marabaixo porreta. Paulino, Marabaixo mesmo é o do Laguinho, cantado em noite de Lua Cheia, com uma pinga esquentando a barriga da gente, não esse marabaixo fajuto cantado por outra gente. “Se eu soubesse que tu vinha, ô lelê, fazia o dia maior, ô lelê. Rosa branca açucena, ô lelê, case com a moça morena, ô lelê!” Ah, diacho, branco não dança Marabaixo, não, Paulino!

Adeus, Amigo Emídio

Era um dia de sexta-feira, dia de Vênus, da Estrela da Manhã, quando Emídio Rola Soares, de repente, partiu para a dimensão das estrelas. Estávamos no Bar do Abreu, Ilo Moraes, Manoel Torrinha, Jorge Jansen e eu. Alguns amigos e guerreiros do Largo da Matriz, da geração dos anos 60. Foi quando Ciro Costa me veio sacudir com a brusquidão de tua viagem inesperada. E a cabeça pendeu por alguns instantes sobre a mesa. De imediato, não quis acreditar. Mas a realidade se impôs, fria e inexorável.

Não sei e nem posso explicar a aparente violência da morte. Mas a tua brusca partida me apanhou de surpresa e quase etílico, numa mesa de bar.

Um boêmio se foi. Um grande amigo, intelectual, exímio tocador de gaita-de-boca, profissional competente, amante da vida e admirador dos mistérios extra-sensoriais nos abandonou. Um silêncio de chumbo se abateu durante alguns minutos sobre nós. Lembrei, entretanto, que eras um homem que gostava de transmitir alegria a teus amigos. Lembrei de Noel, “quando eu morrer não quero choro nem vela”. Chamei Ronaldo e pedi que pusesse na eletrola “Noite Ilustrada”. Começamos então a lembrar de ti ouvindo samba, recordando a época da juventude, quando aprontamos inúmeras e memoráveis brincadeiras de rapazes. E vieram as incursões pela zona boêmia, as noites de seresta no trapiche, os banhos madrugais ao pé da “Pedra Encantada”, as festas e as garotas do Matriz Esporte Clube e o carnaval do “Vai quem quer, azar de quem vai”.

Ah, meu irmão, a saudade é muito grande! Como tecer de novo uma conversa inteligente, que varava a madrugada, e rir de verdade ouvindo as tuas estórias? Impossível. Há

uma fronteira estranha agora entre nós. O verbo se calou na tua garganta e tua alma subiu ; a harmônica emudeceu e nosso riso parou nos contornos do espaço. Entre a matéria e o éter há um grande abismo. Mas não olvidaremos a alegria de privar de tua amizade enquanto aqui permaneceste. Criaturas como tu sempre farão falta neste mundo violentado pelo desamor e pela futilidade.

Nesta manhã fria de inverno recebe o abraço fraturado e o adeus amargo dos companheiros que ficaram.

Sortilégio para uma Serrana

Depois de 19 anos, ouvi de novo a sua voz. Aquela mesma menina morena a quem um dia ofertei um ramalhete de rosas vermelhas e brancas. Não tremi de emoção, porque esta se havia fraturado através dos anos, dos desencontros e das partidas. E agora ela se reencontrou com novo amor. Mas lembrei, por instantes, de uma noite na sede do Trem. Recordei em seguida o seu perfil, o porte de manequim, o suave perfume francês. Era, então, uma adolescente. Uma garota, noiva de um amigo meu, por quem um dia me apaixonei. Esta continua sendo minha marca registrada. Só falo e ando várias vezes com uma mulher, só desfilo na rua, com essa mulher, se estou apaixonado.

Considero a paixão o móvel das grandes construções humanas. Como uma faca de dois gumes, pode ser também a causa de grandes tragédias. Aliás, no amor, há sempre a glória e a tragédia. Ou, então foi amor que morreu ainda na casca. Amor que não sofreu a violência das emoções que se transmudam nem sentiu o desgaste do tempo.

Por isso, nestes instantes que correm, prefiro guardar a mesma imagem daquela moça que conheci. De passos leves, trazendo no olhar de brilho oriental um imenso magnetismo. O amor nasce através dos olhos ou da voz, vive e crepita dentro da mente ; manifesta-se intensamente na linguagem do corpo, e morre na própria mente. Quando se deixa de pensar na criatura amada, acabou o amor.

Mas esses sortilégios, inerentes ao amor, cada um cria à sua maneira. É preciso sortilégio para existir amor. Magnetismo em alta tensão. O certo é que há um dominado e um dominante. E quase sempre, no trajeto, o quadro se inverte. O resto é filosofia barata de quem nunca amou.

Dinheiro não compra amor. Apenas sustenta, até certo ponto, as suas fragilidades.

Que o seu caminho, portanto, senhora, tenha as portas abertas para o sucesso. Aquilo que inventar na sua cabeça é o que vai conseguir. E desejo, sinceramente, mais madura, que atinja, dentro desta passagem de vida, aquilo a que chamam de Felicidade.

Bip-Bip-Bip

Manancial de letras da Bahia visto agora de perto. Possivelmente um trinco que foi aberto na semana passada quando houve distúrbios de pouca monta mas nada disso agora interessa porque a manhã ainda não surgiu e o cavaleiro andante está ferido e Sancho Pança procura vender o seu cavalo para a compra de remédios. Estou cansado de mexer nesta máquina. Será que mexer é com x? A interrogação infelizmente estourou. E pode deixar comigo o retorno da máquina porque queira ou não ela agora está voltando. No princípio era uma dureza e você compreende. Falta de costume mata. Inclusive as letras a mais ou a menos que agora estão saindo sem problema algum de ser confete ou não. Estou até empolgado porque bulhufas de estilo existe aqui nem ponto ou contraponto só a beleza da Lettera deslizando e servindo à vontade como máquina-quase-gente-assim-como-eu.

Um dois três quatro cinco vinte e oito e poderia ser mais mas nada certo existe no horizonte do equilibrista a não ser a vontade do aplauso e o medo da queda prematura. Uma máquina deve funcionar é na porrada desde que esta porrada não contenha violência mas liberdade. Porque aí está o paradoxo e sem o paradoxo não há o efeito lindo mas apenas entrelinhas estrelinhas e o despenhadeiro onde se acabou Maria. E era um dia sem sol boquiaberta só a lua mãe de todos os de mentes. Quero uma crônica sem a menstruação dos epaminondas alfarrabistas caso contrário é um mito não um monstrozinho que começa a surgir e precisa viver como todos os outros parentes na luta pela superveniência capital de todas as misérias! Não há beleza mas interiores enlouquecidos procurando ser o cristal de

Andaluzia. Anda Luzia anda Maria anda menina! Tira a boca do fumo e toca a corneta antes que te chamem de Maria Corneta! E eu não deveria parar não deveria temer não deveria estremecer não deveria afinal de contas o que é dever? Tenho respeito pelos meus neurônios e eles estão mandando prosseguir andar descobrir sentir o primeiro palpite do momento sem preocupações sem limitações dentro do bip-bip-bip. E aí está a coisa porque o bip é a verdade do momento é o individual explodindo descobrindo embelecendo construindo em cima do que vem porque já chega de bolor. O homem é antena. O futuro é o que sinto não preciso pensar basta sentir e transmitir nada de bloqueios filosofias raios que o parta. O mundo está fluindo agora sempre bip-bip-bip acende acende tudo é luz energia vida Deus e as palavras são vivas quando estão soltas pássaros luz ballet sangue nervos e aço no cinturão cósmico da inteligência.

Vigília

Noite. Desce, sobe, desce, sobe, desce, sobe. Sobre e sob. Asas, não o vento que anda e cresce nos teus cabelos. Uma conspiração roendo minhas entranhas. Servo e falsário de mim mesmo, carga e carrasco das maldições! Ra-ta-plã, ra-ta-plã, ra-ta-plã-plã-plã! Haja noite! Estou perdendo a madrugada. Não brilha em meus olhos o canto das sereias nem tange em meus nervos o verme das paranóias. Mas o microcosmo explode e apela. Bate, perfura, sangra. Subo e desço, apesar de estar no mesmo nível, apesar de odiar os níveis e os nivelados. E então fumo, bebo, brigo, bato. Fujo. Não tenho retrato nem transfiro monstruosidades. Ando, gravito, existo. Não penso. Aqui, a lógica é negação do pensamento. Carneiro, que ficaste grande, que é de tua lâ? Cadê teu frio? Não, não quero raciocínios nem assassinatos. Eu quero a lama e a rosa dos caminhos e a tara que queimou minha esmeralda. Hoje, não creio na pureza, só no brilho das balanças ; nesta voz que me procura e não me alcança.

Dormem o seu sono agora as madalenas. Que tanjam os sinos e vibrem os gonzo! É hora da vigília. Vigília longa que me alimenta, que me disseca, que me sustenta. Em minhas mãos, bárbaras, nuas, existe a saga. A saga eterna do desalento. Portanto, ando, gravito, existo. Não penso. Abro as janelas. O micro e o macro me limpam a lama do sentimento. E faço versos de modo extenso. Polifonia, idiossincrasia, ritmo e vento. A forma e o fundo são os abortos do pensamento. Eu quero o espaço. O anti-ser. Mas novo é o ato e algemas prendem meus movimentos. E, se procuro a locomotiva, minhas imagens me despedaçam. Mas não paro. Prossigo a briga. Fermento a luta. Lanço a

semente. O anjo é grande, bom e consente no sortilégio destas palavras. Vigília, vida, vago é o cansaço na melodia da madrugada.



Recado para um Passarinho

Quero te encontrar num dia de Lua Cheia, em uma manhã de setembro, quando chegar o verão. Tua pele morena de andaluza, teus belos olhos negros de cigana, esse andar sensual e belo como o mar, tudo isso indica a chama da mulher que és. Tua aura é filha dos dias de sol e céu azul. Por isso te chamo de Passarinho e surgiu em mim essa imensa ternura. Ela escorre pelas pontas de meus dedos e brilha intensamente nos meus olhos. Arrepia a alma e eletriza o corpo. E um denso magnetismo me domina, quando o toque possessivo de tua presença se cola a mim.

Ah, mulher! Não te quero aqui pronunciar o nome. Quebraria de repente a magia dos grandes e misteriosos segredos que carrego comigo. Tens o fogo de Marte e a doçura de Vênus, o esplendor de Apolo e o feitiço da Lua. Eis aí o porquê deste fascínio que nunca mais havia sentido. Sinto-me de novo um adolescente. Não te olho como um objeto amoroso. És muito mais do que isso. És a renovação surgindo em todos os átomos do meu ser. Despertas a energia adormecida, abrindo as portas herméticas da inspiração, fluindo como luz que envolve, protege, acaricia e fortalece este universo íntimo e sofrido.

Em minhas mãos e em meus roteiros (por tua causa) surgiu agora o contorno de uma nova construção. Durante instantes, intensos e mágicos segundos, deixo-me dominar por esse alumbramento. Explosões zodiacas me sacodem o microcosmo. E sinto-me novamente um gigante.

Passarinho : guarda contigo este segredo. Deixa que ele cresça, te possua, embale e cristalize. Como uma Rosa impossível de ser quebrada com facilidade. E amanhã, se o quiser o destino, pelo toque artístico de teus dedos lindos,

transforma essa Rosa Diamantina em peça musical. Fá-la vibrar naquele mesmo teclado em que tocava minha mãe Walkíria Lima. E um beijo, um beijo muito terno, porque é maio no mundo, passarinho!



Imagem de Mulher

Nesta imensa e escura madrugada, procura-se uma imagem de mulher. Viva, onipresente, orvalhada de sonho e realidade, ela deve estar a caminho, trazendo em suas retinas a luz das estrelas e nos lábios a promessa do renascimento. Não sei ainda em que esquina da cidade vou encontrá-la, nem percebi, com nitidez, o seu perfil. Sinto, entretanto, a sua presença que se anuncia através do espaço, percorrendo o cosmos, como um rastro de luz.

Fumando e escrevendo, na hora em que se acendem os mistérios da antemanhã, é que percebo o fluxo intenso da magia que virá. E, por vezes, estremeço. Porque a imaginação naturalmente interfere e não permite que se esclareça o retrato. Não me interessa também a cor ou o status dessa mulher. Procuro a essência, a alma, o sentimento, as emoções, o caráter. Não me importa que seja pobre ou rica. Mas deve carregar, dentro de si, muita ternura, tolerância e amor para poder conviver com um homem sofrido e suportar as loucuras de um poeta. Mais do que suportar, entendê-las. E deve trazer no ventre a matriz em condições, para poder procriar. Porque amor sem filhos é muito triste.

Não imagino o seu nome. Mas sinto o seu perfume e ouço a sua voz. Não poderá ser a mulher ideal, porque desejo que ela esteja viva. Capaz de poder iluminar o meu caminho e ralar comigo, quando for necessário.

E, ao chegar, saberei que surgiu a companheira das grandes caminhadas. Mulher a quem darei carinho, amor e respeito. E poderá fazer surgir a imagem do homem que realmente sou. Capaz de construir ao lado dela um grande

destino e provar que a imagem de um homem depende, quase sempre, de uma grande mulher.

Um Amor que Passou

Não pensava te encontrar mais nas esquinas amorosas de minha vida. Não pensava também que poderias ser, através de nova ótica, a eleita que continuo esperando.

Neste recente reencontro, eu, que julgava nunca mais me reencontrar, usei a máscara dos atores. Gostaria de ser aquele cavalheiro que conheceste um dia numa loja do comércio ou o boêmio que te fotografou com os olhos quando vestias um robe cor-de-rosa. Impossível. Eu pisava uma estrada sem retorno. Gostei muito de ti. Aliás, realmente te amei. Mas acabou.

De lá para cá inaugurou-se o meu roteiro de ilusões sentimentais. Meu calcanhar de Aquiles sempre foi o sentimento, minha cruz e liberdade. Amo ou desamo ; não tenho meio-termo.

Hoje te revi. Ouvi tua voz e penetrei novamente no mistério declarado de teus olhos. De repente, como se fôssemos dois amantes, começamos a andar juntos. Mas sem a magia de outrora, sem o alumbramento dos antigos encontros. Isso não significa que te sintas uma estranha. Não posso também te considerar uma simples amiga. É difícil explicar. Raríssimas mulheres são minhas amigas. Prefiro vê-las na cama. Transando. Não uso lentes.

Mas entre os vernizes da conversa (eis o problema de um longo espaço sentimental) diluiu-se aos poucos a verdade que deveria ser dita, esconderam-se as lágrimas que deveriam cair. E um silêncio hipócrita e medroso interpôs-se entre nós.

Somos agora duas almas perdidas que se encontram.

A apologia do impossível se faz presente. Mas nossas máscaras não sustentam a saga multicolor que construímos nos rios do sentimento.

Perfil de Dóris Paungartten

Dóris Von Paungartten da Fonseca viajou há poucos dias atrás para os itinerários do azul. Ainda a vi em vida, esperando o filho João Augusto para a viagem definitiva, aqui, em Oeiras do Pará.

Cabeleira branca, onde a prata do tempo contava a sua história ; a testa alta e nobre, nos olhos o brilho azul e energético do céu germânico, no porte a altivez da nobreza e a marca de um caráter íntegro : eis a minha primeira impressão da professora Dóris.

Pouco a conheci, esta é a verdade. E lamento o fato. Acostumado, entretanto, a penetrar a alma da criatura humana, não me é difícil traçar o seu perfil em vida.

Iria completar 80 anos nesse 3 de novembro de 1988. Signo de Escorpião. Filha de Almeirim, Pará, formou-se em 1926, e teve uma tia famosa e grande educadora – a mestra *Amália von Paungartten*.

Nascida em família humilde, estudou no internato do Colégio Gentil Bittencourt, sem ônus para os pais. Por isso mesmo foi uma aluna brilhante, porque trazia na raça e na força de vontade a sua predestinação histórica.

Belém do Pará, 1926 : é a estréia da jovem mestra. Com apenas 16 anos, inicia o seu magistério no Colégio Paungartten, cuja dona e estrela maior foi a saudosa grande mestra de ilustres gerações : Amália von Paungartten. Em seguida, lecionou nos colégios Presidente Pernambuco, Independência e Paes de Carvalho, onde pontificava o Barão Sigismundo von Paungartten, catedrático de línguas, inclusive a Grega, e seu avô.

Anos mais tarde, seguiu para Fortaleza. Lá, na terra de Alencar, fundou o Colégio Paungartten, em homenagem ao clã alemão que lhe deu origem.

Por suas maravilhosas mãos de mestra dedicada e competente, passaram, na década de 1926 a 1936, crianças que foram mais tarde luminárias da política brasileira. Entre eles, destaque : Alacid Nunes, Aurélio do Carmo, José Maria Teixeira e Jarbas Passarinho, Humberto de Alencar Castelo Branco e Eduardo Gomes. Homens que adquiriram luzes com Dóris Paungartten e a projetaram, mais tarde, nos tortuosos caminhos da vida. Alguns são hoje bem-sucedidos nos negócios, outros tiveram um destino mais humilde. Mas todos – negros ou brancos, pobres e ricos, vivos ou mortos, grandes e pequenos, beberam de seus ensinamentos, deram os primeiros passos orientados por sua mão, guiados por sua inteligência.

O Homem é aquilo que é, o que tem. Um é atributo eterno ; o outro, bem passageiro. A estrela e o brilho, o suor e as lantejoulas, a força e o sortilégio, que marcam e sangram o retrato de um homem, nascem do saber e do fazer, do querer e do poder, da sorte e da desgraça.

E Dóris Paungartten, ao longo da vida, viu seus discípulos seguirem as suas sendas. A mestra soube cumprir a missão na Terra.

E agora, que adentrou a Quarta Dimensão, já recebeu do Grande Mestre a sua recompensa : Uma Estrela de Luz pousou sobre a sua testa, um caminho de pétalas se abriu para os seus pés. E a Soberana Harmonia do Infinito vibra em suas mãos. Dóris viajou no seu barco azul.

Adeus, Dóris!

Muito obrigado, Mestra!

Quando Chega Setembro

Ponho a máquina de lado. É uma Royal, de grata lembrança e muita fama. Mas é preciso criar. Ponho o papel em branco e espero a vinda da corrente. Tenho de voltar ao exercício das palavras. Aqui não possuo dicionário, mas tenho lido muito. Isto me faz crer que existe, por trás da aparente fragilidade da matéria, uma preciosa máquina, maior do que todas as máquinas inventadas pelo homem – o cérebro. Dele posso retirar um manancial de impressões, uma série de trabalhos. Ele me faz ver que estou vivo.

Transcorre amanhã o Dia da Independência, e nas ruas os estudantes praticam há semanas. Cornetas, taróis, caixas, bumbos e pratos ecoam no ar a alegria da juventude. Ela continua viva, sem grandes preocupações ou indagações filosóficas. Agora o que interessa é abrir caminho, entoar canções ao Sol dourado do Equador, que bronzeia a pele do povo e embelece o sorriso de adultos e crianças.

Cada um daqueles que desfila no grande dia do Amapá leva consigo a certeza de sua individualidade. É como se dissesse: “Olhem-me. Eu brilho neste imenso batalhão de figurantes coloridos. Vejam o belo uniforme que trajo, o nome e o garbo de meu colégio, as belas evoluções de nossa baliza, a cadência de minha escola, o toque magnífico de nossa banda!”

Tudo isso lembra minha época de estudante, quando havia toda essa festa e uma grande competição entre Colégio Amapaense e Industrial, Escola Técnica e Escola Normal. E eram centenas, milhares de estudantes empolgados com o grande desfile do 13 de Setembro, data maior deste Estado.

Após a parada, esperávamos para saber quem havia ganhado. Depois íamos comemorar nos bares, nas praças, nas praias e nos clubes sociais; íamos confraternizar com os simpatizantes de nosso colégio, o Padrão. Ganhando ou perdendo, sempre havia uma namorada por perto para dividir a alegria ou suavizar a tristeza.

E nós levávamos a vida e a vida nos levava, porque não havia naqueles alegres anos o pesado fardo das grandes responsabilidades. Ser responsável era curtir o amor e passar todo ano.

Batebatelimpa e Bate

Ilustríssimo Senhor da Misteriosa Ilha Fantástica: Estava muito furo até agora porque a minha máquina tinha-se descontrolado e nada conseguia fazer nem as minhas petições davam mais acerto. A Lettera começou a pular feito um diabrete qualquer e a raiva começou a me dominar. Fiquei de imediato indelicado com as pessoas que estavam próximo e nem consegui ouvir o Zé Maria que me falava acerca do escritório e outras coisas. Fiquei sem jeito mesmo. Até que alguém me ouviu e devia ser o senhor. Abri a máquina e mexi e mexi e não foi que consegui? Descobri o tal de freio e apertei porque freio deve estar apertado. E então maravilha das maravilhas para minha alegria a máquina falou certinho como há muito tempo não a ouvia. A belezinha da minha máquina se expressa bem.

Agora estou ouvindo gritos na rua e descubro que são de minha filha Tâmará. Alguma coisa me diz que ela está braba. Está mesmo muito braba a menina. E Irna minha outra filha fica olhando quando chego perto. Fica com cara de quem fez nadinha. Tâmará grita e agora dentro de casa começa um escarcéu dos diabos. A menina rola na cama e diz que a culpada foi a Irna. "Está doendo muito a minha perna papai." Como acho doce esse nome – papai. Irna diz que não. Mas transparece em seus olhos um pinguinho de mentira. Ela fica muito calada com carinha de anjo que não sabe de nenhum pecado. Tâmará aproveita a cena e grita cada vez mais. "Menina vá lavar a perna e passe iodo aliás iodo arde passe mercúrio-cromo". E ela diz "a Irna é muito mentirosa foi ela quem me empurrou." Eu respondo que ela caiu porque estava na bandalheira e quem entra na bandalheira não pode reclamar tem de agüentar firme.

"Você não se lembra minha filha mas quando era pequenina seu pai ensinou você a cair e levantar-se". Mas agora ela está maior e mesmo assim faz esse choro todo por um simples arranhão. É vontade de carinho. Parece a mãe. Briga para depois ser acariciada. Eu brinco então com minha filha e finjo que uso um raio-laser para curar seu ferimento. Ela se enfeza comigo e joga as pernas para o ar. As coisas se complicam e peço uma explicação para a acusada. Irna está cheia de complicações em sua defesa. Acredito que esteja falando a verdade dela. Eita coisa complicada a razão das crianças! Saio pela tangente e digo que "a razão está com as duas e ponto final". Ainda explico para Tâmará "minha filha a vida não é assim a gente tem que ter bom humor o mundo é isso que você está vendo e não vai mudar". Finalmente ela se acalma e vai tomar café com pão. O mundo se equilibra em casa.

Venho para cima da Lettera e termino a estória que improvisei especialmente por falta de bom humor. Agora compreendo que nem sempre se podem dar lições desse tipo a crianças e ficar-se com a cara mais limpa do mundo. A gente se mete a saber de tudo ser o dono do mundo e coisas mais mas chega a hora em que até mesmo uma criança tem de esbravejar pular gritar para não perder a saúde tão decantada neste misterioso mundo de distorções. Mas obrigado assim mesmo senhor e ilustre rei da Misteriosa e Fantástica Ilha por ter-me proporcionado contar esta historinha ou crônica eu lá sei nesta máquina. Isto me faz muito bem. Obrigado também minha irmãzinha Lettera.

Daqui a pouco comadre Marlene deverá chegar para levar o Jorge até Belém. Só espero que o velho guerreiro fique logo bom e possa tomar conta de seus negócios. Porque um Escorpião consegue o que quer na vida e sempre sai vencendo em qualquer parada. Não é mesmo dona Carmo?

Por sinal onde anda a senhora com essa chuva toda que começou a desabar neste momento em que encerro esta crônica?

Retrospectiva de Minha Mãe, Walkíria Lima

Nesta noite de 7 de abril, nesta Escola, teus amigos e teu filho te homenageiam, Walkíria Ferreira Netto de Lima.

Deverias completar hoje sessenta e nove anos de idade. Peço a Deus te ilumine cada vez mais nos soberanos roteiros do astral para onde subiste.

Mesmo assim estou feliz ; todos estamos felizes. Creio que também debes estar feliz, minha mãe, pelo que acontece nesta data. A partir de hoje, começa aqui uma tradição que deverá se perpetuar através do tempo e das gerações. Do tempo que te assistiu, dando o teu talento, transmitindo a tua arte, durante alguns momentos que passaste entre nós. Os anos são irrisórios diante da eternidade.

Mas deixaste um rastro que agora te acompanha entre as estrelas. Aqui, neste outro plano, órfão da luz do teu carinho e do teu amor, caminha teu filho; por aqui transitam ainda muitos estudantes que foram teus discípulos.

Espalhaste os teus conhecimentos por muitas escolas e colégios desta região, depois que aqui chegaste em janeiro de 1949, a bordo da Lancha Amapá, às vésperas de completar 34 anos, para somar esforços aos bandeirantes que seguiam Janary Nunes, o grande desbravador deste pedaço de solo do setentrião brasileiro.

Eras uma mulher de intensa fibra e imensa vitalidade, apesar da aparência frágil. Eu te seguia e admirava como a uma deusa e recebia em troca todo o teu amor de mãe.

E caminhamos nós dois por alguns lugares desta região. Nos primeiros tempos, mesmo possuindo completa formação musical – curso completo de piano, feito em Manaus, tua terra de nascimento, ensinaste Canto Orfeônico

no Grupo Escolar Veiga Cabral e na Escola de Iniciação Agrícola, ambos na cidade de Amapá.

Foi lá, entre os idos de 1949 a 1951, que te vi seguindo, descalça, pelas margens lamacentas do Rio Amapá, para chegar ao Meruoca, e, de lá, mais seis quilômetros até à Escola Agrícola, dirigida pelo tenente Glicério de Souza Marques.

Como te admirava, minha mãe! A energia do teu espírito continua viva e lúcida, mesmo após a tua transição. E nos meus momentos de angústia teu bálsamo de carinho e compreensão se derrama sobre mim.

Retornamos para Macapá em 1952. No ano seguinte, meu pai, que estava encalhado no Maranhão, chegou num C-47 da Cruzeiro. Ficamos, então, uma família. Começaste a lecionar Música e Orfeão no Grupo Escolar Alexandre Vaz Tavares e na antiga Escola Industrial de Macapá ; nesta de graça, durante três anos. Depois, na Escola Normal, hoje Instituto de Educação, onde cursei o Ginásio. Várias gerações aprenderam a cantar contigo os hinos que exaltam a nossa brasilidade, destacando-se o Nacional, hoje balbuciado por uma geração que não sabe mais cantar os hinos da Pátria, porque não lhe ensinam.

Em 1964, foste eleita a "Mãe do Ano", acho que para suavizar as mágoas do filho que acabava de sair da Fortaleza de São José de Macapá... Através de um pedido meu, o General Luiz Mendes da Silva conduziu-te ao teu verdadeiro lugar, o antigo Conservatório Amapaense de Música, que hoje recebe o teu nome. Finalmente pudeste fazer o que tanto quiseste – lecionar música. Nesta Escola iniciaste na Música crianças, moças e rapazes que ainda guardam a tua lembrança de mestra amiga, mas enérgica. Cultivaste nesta Escola a amizade de Terezinha Sampaio, Altair Ribeiro, Elsa Köhler Cunha (tua aluna do Primário em Manaus) e do grande violonista Nonato Leal.

Tenho a felicidade em minha vida de contar com vários amigos. Para mim, que não tenho irmãos, eles são preciosidades que cultivo à minha maneira. O grande pintor brasileiro, Raimundo Braga de Almeida – R. Peixe – a meu pedido, fez o retrato de Walkíria, a óleo, obra que hoje doamos a esta Escola. Peixe, um artista que com a espátula e o pincel faz o que quer, trabalhou esse retrato tendo apenas como modelo um pequeno 3x4 de identidade, que ele mandou ampliar. Mesmo assim, como crítico de arte sem escola, posso dizer que a tela transmite as sensações mais sutis da personalidade de minha mãe, que ele conheceu e com a qual conversou inúmeras vezes. Se este retrato não ficasse aqui, iria para um lugar de honra em minha casa.

Meus agradecimentos ao professor Nonato Leal, que teve a lembrança de homenagear minha mãe com o nome desta Escola e ao professor Luís Alberto Guedes. Possuidor de equilíbrio e sensibilidade, foi capaz de criar esta festa. A ele e à sua equipe os meus parabéns. Meus agradecimentos também a todos que se empenharam para que esta Escola recebesse o nome de minha mãe. As palavras são menores do que a emoção que me domina o músculo cardíaco.

Walkíria foi um anjo feito mulher e mãe. Luz e oásis na minha vida. Rosa, Mar de Consolações, e Alba das Renúncias. Para ela poderia fazer o maior de todos os meus poemas. Mas como? se ela mesma era o poema em si, feito verbo, sangue, nervos e alma? Oxigênio que respirei nove meses em seu ventre, energia e amor que me protegeram nos caminhos de minha vida. Homem feito, casado e pai, para ela era ainda o seu pequeno Isnard... Por tudo isso, não posso fazer o poema, apenas lhe agradecer o imensurável amor que soube transmitir a este pequeno ser que aqui está.

Minha mãe gostava de fazer o bem, de ajudar em silêncio os menos favorecidos. Apesar de ter sido criada em família rica, não tinha apego a bens materiais. Amava os

clássicos. Entre os seus preferidos – Mozart, Brahms, Chopin, Bach, Ravel, Puccini, Villa-Lobos e Francisco Mignone. Interpretou algumas vezes a “Serenata Diabólica”, de Barroso Neto, música de difícilíssima execução. Adorava valsas, sambas e tangos, aliás foi exímia dançarina, quando solteira, nos grandes clubes sociais de Manaus. Pela música portenha tinha uma atração especial. Com ela aprendi a dançar os primeiros passos do tango argentino, que teve em Gardel e Canaro os grandes expoentes e em Piazzola o seu inovador.

O espetáculo magnífico desta noite memorável começa agora. É sua amiga, a pianista Altair Ribeiro, quem descerra as cortinas com sua belíssima interpretação do tango "Vuelvo".

Macapá, 7 de abril de 1984

Angústia

Onde queres que eu bata, coração? Em que roteiro devo pisar, em que portal devo entrar para se abrir diante de mim a grande senda? Porque a vida continua, veloz e indiferente, e eu aqui me sinto como um homem que precisa cumprir a sua missão. E caminho sem horizontes que deslumbrem os meus olhos cansados de admirar o amanhecer. Extinguiu-se em mim, talvez por alguns momentos, o estado de graça imperioso para criar beleza e fazer sorrir. A energia de que preciso solicito do Alto, porque sei que todo poder vem do Alto e em seu nome deve ser exercido. Por alguns segundos, sinto que ela se acerca de mim. Mas um leve bloqueio impede a sua presença em grande plenitude. Espero-a ansioso, como quem espera a mulher amada. Ânsia impossível de ser descrita, uma angústia onipresente, que exorcizo a todo instante.

Minhas mãos clamam, atordoadas. Dentro de um imenso silêncio que se faz presente, de maneira viva, na luz de meus olhos, queda-se o universo maior da personalidade. Preciso de ar, de luz, de sol, mas a angústia, estúpida e irracional, insiste em prender meus passos e calar a boca.

Não quero e nem devo retroceder. Creio, agora mais do que nunca, que devo prosseguir, mesmo aos trancos e barrancos, porque todos nós temos uma missão a cumprir. Mas preciso da luz da Grande Estrela Peregrina para renovar a energia, a esperança e a fé. Então saberei, como seu filho, feito à sua imagem e semelhança, que chegou a hora do despertar.

28/9/85

Apologia do Azul

Nada mais interessa. Nem te ver nem te querer. A posse e o ciúme, ontem existentes, deixaram há muito tempo de me freqüentar. E vão continuar a passar as samaritanas, os dias de aleluia e as huris do Indostão. Eu ficarei cabisbaixo, à beira do caminho. Não observarei nem a próxima tangente que vai quebrar-se à beira do quebra-mar. Ficaremos, eu e minha solidão itinerante, recebendo os aplausos de uma multidão ilusória. Enquanto meus amigos – os próximos e os mais distantes – de nada saberão. Nem que posso transitar para o Stix através de um infarto do miocárdio.

Mesmo assim continuará a brilhar o próximo sol. E me lembrarei de Santinho, o pai de Jansen, aquele que saía ao amanhecer para a grande pescaria e sempre trazia uma lembrança do Rio-Mar. Desse verde e grande e vasto Rio-Mar de Pinzón e Orellana, que já exploraram, continuam explorando e dizimando o tremendo coração verde da Amazônia.

Bata e continue a bater esta Olivetti Lettera 82, de Zeca Jansen. Que se prolongue e bata e sofra e se estique e se intrometa entre todos os papéis do mundo.

Mas que nada se esqueça, nem deste cárcere de solidão perdido no meio deste mar; nem desta lágrima de sal, que congelou ao longo do caminho. Ninguém se esqueça de tudo que passou, marcou e não cicatrizou ainda. A Fortaleza continua no mesmo lugar.

Essa lua de prata – hoje é Lua Cheia – até quando continuará agitando o meu sangue e estimulando os meus neurônios? Não sei, nada sei e nem quero saber. Meu berro não terá idades ou preconceitos. E ninguém poderá destruir as raízes coloridas deste pensamento. que vai continuar a

refletir aquele discurso que um dia fiz numa praia grega. Ai então estarão destruídos os ídolos, as pirâmides, os faraós. Apenas uma fumaça azulada procurará os intercaminhos das ex-angústias e um rio imenso de felicidade jorrará nas represas da depressão. Ainda assim, estarei aqui – lúcido e intemporal – esquecido de que a cada porre que tomo elimino miríades de neurônios, mas não me esqueço de Tâmara, Irna e Ilmara, meus pequenos anjos de azul ternura.

De repente, tudo passará. Como têm passado os últimos e pequeninos amores de ocasião, inferiores inclusive a uma masturbação. E já horizontaliza em minhas retinas a próxima construção do impossível. Ela vem de leve e se assenhoreia intensamente de mim. Mas não a respeito. Porque não tenho senhoras nem madames nem paixões. Senão a Estrela da Manhã, que me fez à sua imagem e semelhança.

Setembro de 86

No Final do Ano

Nada para te escrever nesta antevéspera de fim de ano. Antes que se despeça de mim o ano que finda e o espírito de um novo ano surja com o estourar dos fogos, resguardo-me das finais angústias de dezembro e entro em estado de graça.

Preciso comungar nestas horas que transcorrem com meus irmãos espalhados pelo Mundo. A aparência é de só. Mesmo assim procuro reestruturar o corpo cansado e prossigo na eterna busca da luz, que existe dentro de mim. Vou em direção do Azul para mostrá-lo através dos gestos e do olhar. Quero banhar meus olhos e a mente em novas dimensões de harmonia, paz e fraternidade; ligar-me a elos infinitos, roçar meu canto no útero sagrado das estrelas que brilham nesta enevoadá manhã macapaense. A madrugada na verdade é um renascer, como o canto da Fênix; alvorada para os pródigos, esperança dos tristes, verde relva dos gênios.

Nada é muito para te escrever. Desabrochou o mágico cordão da criatividade. Quebraram-se as algemas douradas de um homem outrora apaixonado. Chegou a hora de agir. Nem contra nem a favor do mundo : a favor de mim, deste universo íntimo que procura a liberdade de criar um novo homem. Homem que abraçou os infernos e beijou os desertos. E deixou, ao longo dos caminhos, a linfa da ternura e as brancas rosas da solidão.

Adentrei novamente no misterioso, místico, terrível, belo e sagrado arcano de criar. Sinto-me um pequeno deus. Rosas vermelhas, brancas e amarelas, algumas efêmeras, outras permanentes, reluzem em minhas mãos. Mãos antes sofridas e nuas. Dedos que agora podem tocar as cordas da

harmonia ; olhos que penetram o espaço, mente que percebe a luz.

Caminhei dentro de mim mesmo, pacientemente. Tropecei várias vezes, mas não caí, nunca. E posso, agora, te dizer: Estou novamente livre. Liberto. Vivo uma ânsia imensa e incrível de usar a própria liberdade!

30/12/87

Aí vem o Verão

O verão começa a se aproximar. Sinto a sua presença no azul do céu, no brilho de Vênus e no alegre vôo dos pássaros. Há um viço diferente nos olhos das mulheres, no riso das crianças, nas ondas do Rio-Mar. Desse belo Rio-Mar, Dulce Mar, Mar Dulce, às vezes fêmea, às vezes macho; outras, andrógino. Rio de amor e violência, vida e morte, prata e lama, esmeralda e ônix. Coleante Rio, esgueirando-se ao longo de um verde e imenso caminho.

Acendo as brumas no rosto da saudade e o olhar de Isabel anda comigo. Essa vinda do verão tudo me lembra: o corpo da primeira mulher, o perfume da namorada morena e o sal do mais recente pranto.

Embainho a lâmina da tristeza e afivelo no rosto o riso dos atores. É preciso sorrir e fazer sorrir; transmitir esta intensa energia que se avoluma em mim e parece querer explodir pelas pontas dos dedos, poros, pelos olhos, emergente da alma. Tudo porque se avizinha do raio equatorial a mágica pureza do verão. E nesta noite, no zênite, espande o terno mistério de uma rosa platinada. É Lua Cheia.

14/6/88

Neste Domingo Dourado

Neste domingo dos namorados é proibido ter pressa. Na bela manhã de sol, banhada de azul, há dentro da alma o alumbramento da juventude. Um filtro de amor me serve às retinas. Visualizo imagens fantásticas.

E me debruço neste colo de beleza natural que Deus ofertou ao Amazônida, defronte do Rio-Mar. Abraço a monumental maresia deste universo aquático, que desliza manso e se encorpa diante de meus olhos. Lama e verde, prata e ouro. É o portal do verão.

Macapá é uma cidade dourada, riscada à régua pelos bandeirantes de Janary Nunes. Única capital à margem esquerda do Amazonas. Ampla, bela e sofrida em alguns bairros da periferia. Mas tem um grande futuro. É mais que uma simples região promissora – outrora caluniada pela eterna cobiça do gringo invasor, de várias origens. Alguns ainda se perpetuam no presente na exploração indiscriminada de seus imensos recursos naturais, minerais, florestais, aquáticos e ecológicos, com o beneplácito de figurões da escória administrativa.

Após a queda da ditadura militar (que eu pude provar na própria carne), começou-se a dizer que havia chegado a hora de criar a “transição democrática”. Estavam engodando a massa despolitizada que engorda a barriga dos maus brasileiros. *O que nos falta apenas é criar vergonha na cara.* Degolar essas cabeças que teimam ainda em comandar o Brasil à moda colonial e não querem deixar o comando porque estão viciados pelo poder. O poder vicia como a cachaça. Para isto, basta usar a mídia, através da máquina maravilhosa e mal usada que é a Televisão, utilizada somente para escravizar os que não têm instrução,

estão carentes de amor, famintos de ilusão. Mas há o outro reverso da medalha. O monstro pode instruir, abrir novos horizontes para os analfabetos. Depois disso, de um *Programa de Reeducação com Vistas para uma Nova Mentalidade* não haverá mais campo para grassarem as ervas daninhas dos maus administradores e políticos ladrões. Um povo instruído saberá votar. Este paraíso de analfabetos, corruptos e incompetentes será exterminado apenas com a revolução de uma educação consciente e livre. Aliás os marginais existem e ameaçam a sociedade porque são diariamente ameaçados por ela. Os que estão em cima não sabem dividir o pão e se enquistam na torre dourada do egoísmo materialista *que só conhece o venha a nós ao vosso reino nada*.

Esse exemplo deverá ser começado pela Presidência da República e se espalhar até aos mais baixos escalões. A moeda está estabilizada. *Agora é a vez de estabilizar o homem*.

Jornalistas, intelectuais, operários e estudantes: a hora é de irmanar esta imensa, rica e esbulhada América Latina, para torná-la poderosa. Nosso País não pode ficar à margem do Terceiro Mundo nem vitimado pela estupidez alienígena. Nosso destino é outro – o destino de uma Nação rica e poderosa, capaz de ajudar qualquer irmão menos favorecido pela fortuna. E o Amapá não pode ficar à deriva dos velhos tempos. Temos de assumir o compromisso com o futuro. Quem não se preparar será destruído.

Do México para cá, nossa Nação será a América Latina; uma América livre e soberana. Para isso basta seguir em termos práticos o que manda o parágrafo único do artigo 4º da Constituição Federal : “A República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina,

visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações”.

Um Filho de Anael na City

Ele trajava uma túnica verde. Era um distinto e louco astronauta perdido na Presidente Vargas, naquela sexta-feira paraense. Louco por mulheres, diga-se de passagem. Porque a loucura mesmo girava ao seu redor, em velocidade alucinante: Homens, mulheres e crianças, jovens e idosos, não olhavam para trás nem para os outros, como antigamente, quando ele, Pastana, Cecim e o peruano Enrique deslizavam calmamente pela Alcindo Cacela, às quatro da madrugada, da Condor, com destino ao Bar do Parque. Aquela ainda era uma cidade humana, onde as pessoas, à noite, sorviam a magia do sereno e dialogavam com seus anjos.

Essa Belém de agora, depois da BR-316, chamada de a grande Belém, perdeu a terna fisionomia de outrora, de segunda à sexta. É uma Belém que corre, trepidante e moderna, neurótica e vazia. Vazia de ternura, e se espelha na face dos transeuntes o medo de ser assaltado à luz do dia. A bela morena cabocla cresceu demais, inchou. E sobe loucamente; sobe, sobe, sobe. Para onde? É um zig-zig-zag, um fon-fon-fon, pi-pi-pi-piiiii! E as pessoas correndo, as crianças correndo, os idosos correndo. Para onde? Que civilização é essa que mata de repente a paz do indivíduo e o robotiza? que gera mendigos aos milhares, que pare os maluquinhos ricos do volante, que corrompe, que inferniza? Porra!

Mas o astronauta está imune a esse processo de loucura, quase inconsciente. O astronauta vê, prova e analisa. O filho de Anael traz em suas mãos o orvalho da ternura e nos olhos o sortilégio do boto tucuxi. Por isso ele pode ver a beleza dentro da vertigem de um falso

progresso. E compreende por que o caboclo da cidade anda agora correndo. Porque ele mesmo é um caboclo, mas um caboclo que não gosta de correr, nem embaixo da chuva: é um filho de São Jorge, de Ogum do Mar. Está preparado contra a pior de todas as emoções – o medo. E o astronauta pouco liga aos bens da terra ou à competição social. Pertence a um mundo maior, mais desenvolvido, onde se fala outra linguagem, onde se pescam pérolas outras e lampejam diamantes distintos. Ele sabe também que *a morte não existe*.

Nesta bela manhã de sexta-feira, com um céu azul de poesia, não há mais tormenta na Presidente Vargas. Em cada esquina ele pára e seus olhos flagram a beleza e a elegância das morenas cor-de-jambo do Pará; demoram-se minutos imensos nas vitrinas deste quase Natal que se aproxima (outra farsa) e sobem para admirar os contornos capitalistas do grande Hilton (mas como era belo e firme o Grande Hotel!) e abrangem, finalmente, no misterioso silêncio do espaço, o oculto coração de Belém do Pará.

“Diário do Pará”, 5/11/88

Conversa Astral com o Poeta Alcy Araújo

Estava no Bairro de Santa Inês, na casa de Dolores Pinheiro, defronte do Rio-Mar, quando a voz de Humberto Moreira anunciou na TV a tua rápida e última viagem. E um grito rouco me saiu da garganta. Apertado, doloroso, sem graça. Seco e frio, como deve ser o inconfundível grito que exorciza a morte.

O impacto foi muito grande, meu compadre e poeta Alcy Araújo. Feriu fundo. E eu não tive nem sequer o consolo das lágrimas para limpar a alma. E saí para a noite. E vim para casa. Vim ler teus últimos Poemas pro Anjo do Natal, sem ter feito ainda a apresentação que me pediste. Mas, nesta antemãhã que se anuncia, uma explosão de soluços me lava o rosto, e há, no canto da sala, uma vela acesa. Para te lembrar. Para mostrar que um Poeta não morre.

E é Salomão, filho de David, quem fala no capítulo 12, versículos 6 e 7 do Eclesiastes:.. “antes que se remova a corda de prata, e se esmague a tigela de ouro, e se quebre o cântaro junto à fonte, e tenha sido esmagada a roda de água para a cisterna. Então o pó retorna à terra, assim como veio a ser, e o próprio espírito retorna ao Deus que o deu”. Tudo estava consumado. Tua alma agora está fora do cárcere. Soberano e belo, entretanto, teu corpo imaterial permanece *livre, lícido e intemporal*, orvalhado de rosas, estrelas e eternas madrugadas.

Aqui dentro, ao meu redor, a tua presença é muito viva nestes instantes em que escrevo. E tu bem sabes como me custa escrever assim. Mas a *Grande Confraria dos Poetas* já me enviou suas ordens. E eu cumprio a missão. Mensagens telepáticas cortam o espaço e os raios de luz me

procuram aqui, em Santa Inês, onde um dia devo construir o meu castelo. Por isso nunca haverá bloqueio de comunicação entre nós. Nem planos nem universos de quaisquer dimensões. Minha comadre Alcinéia Maria Cavalcante Costa, tua filha e poeta, sabe muito bem que não estou divagando. Sabem-no também outros membros da nossa Confraria – o Arthur Nery Marinho, o Fernando Canto, o Edmilson Rodrigues, a Aracy Mont’Alverne, o Manoel Bispo, o Carlos Cordeiro Gomes (que antes de partires fez as pazes contigo), o Obdias Araújo, o Raimundo Donato, o Juracy Siqueira, o Luiz Alberto Guedes, esses e os outros, que a lista é grande, todos sabem que não estou blefando. Não, não estou.

Olha, poeta, mesmo assim um pinguinho de complexo de inferioridade agora se intromete nesta conversa. Não, não me olhes com esse teu sorriso maroto de eterna criança enluarada. Acontece que é muito mais fácil, nessa cidade onde estás, falar com os grandes membros da Confraria, que deixaram lembranças aqui na terra, ou não? É de igual para igual. E a língua, aí, não deve ter fronteiras. Mesmo porque não existe. Dentro da energia pura não há segredos. Nem a limitação das palavras.

A bênção, que te pede minha filha Tâmara. Espera aí. Não te vás ainda, poeta do cais, do Anjo, do Natal, poeta que sempre lembrava Isaura. Deixa que mostre para esses, que permanecem aqui do outro lado, o poema nº 7, incluso, inédito, entre os 12 que compõem os teus Poemas pro Anjo do Natal:

Sete

Alcy Araújo

Os monstros radioativos
estão aprisionados e coléricos

Estão nas bombas de cobalto
 nas ogivas nucleares
 nas cápsulas de cézio-157
 nos estojos de irídio-192
 no urânio enriquecido
 que aciona usinas
 Os monstros radioativos
 sonham fugas e liberdade
 Algum é liberado
 e cai sobre Hiroshima
 Outro foge
 e escapa de Chernobyl
 Assim outro mais
 escapa de uma rua do planalto
 deste meu Brasil brasileiro
 preto branco mulato
 terra de samba e pandeiro
 Livres sentem a inevitável
 necessidade de serem feras
 de matar sem fronteiras
 Nagasaky ou Rua 57
 Não importa a geografia
 E eu Goiânia meu amor
 não faço nada para deter a morte
 porque tenho apenas o meu verso
 neste Natal enlutado
 que deixa amargurado
 nosso Jesus Cristinho.

(Publicado em "O Combate", abril de 89.)



Aleluia ao Amor!

O círculo magnético de tua influência se fechou sobre mim, Sônia Maria. Agora é impossível calar o que sinto. Entras como senhora e iluminas meu pensamento. Eis aqui um homem que exhibe uma alegria de criança ; que traz nas mãos a rosa diamantina da felicidade. Estar perto de ti, respirar tua aura, faz bem ao corpo e ao coração, à mente e à alma.

Eu me irmano ao infinito. Posso tocar as estrelas. O sacrossanto cosmo do Amor novamente me envolve, impera em meus sentidos e me eleva ao limiar das galáxias. E tu – pérola e nácar, ardência e luz – me tornas assim.

Dentro de mim, no ambiente cósmico que me cerca, há vibrações radiantes, sintonias do Azul graduado em ondas de intensa harmonia. Este estado que vivo promana de ti. Se, de repente, minha rosa de cristal partisse e não me restasse mais o milagre da tua presença; se não pudesse mais te ouvir essa voz quente e feminina, entoando um grande canto à vida, seria muito triste, minha garça morena. Eu me tornaria um homem vulgar, sem o canto soberano dos iluminados.

Nesta noite que se transmuda em madrugada, tenho-te ao alcance das mãos. Se quiser, posso tocar-te ; ouço tua voz, meus olhos circundam teu corpo moreno, escuto o leve arfar de teus pulmões. Aspiro o perfume que exala tua pele, adivinho teus gestos, descubro a magia de tua alma. Teu sorriso é um sol luminoso, há em tuas pupilas o brilho das estrelas. Em verdade, mulher, te amo. Estou consciente de que não me engano, porque Deus é meu guia, luz e pai, meu grande amigo. Foi Ele quem te fez surgir no meu caminho. És a estrela peregrina : aclaras minha senda, elides minhas

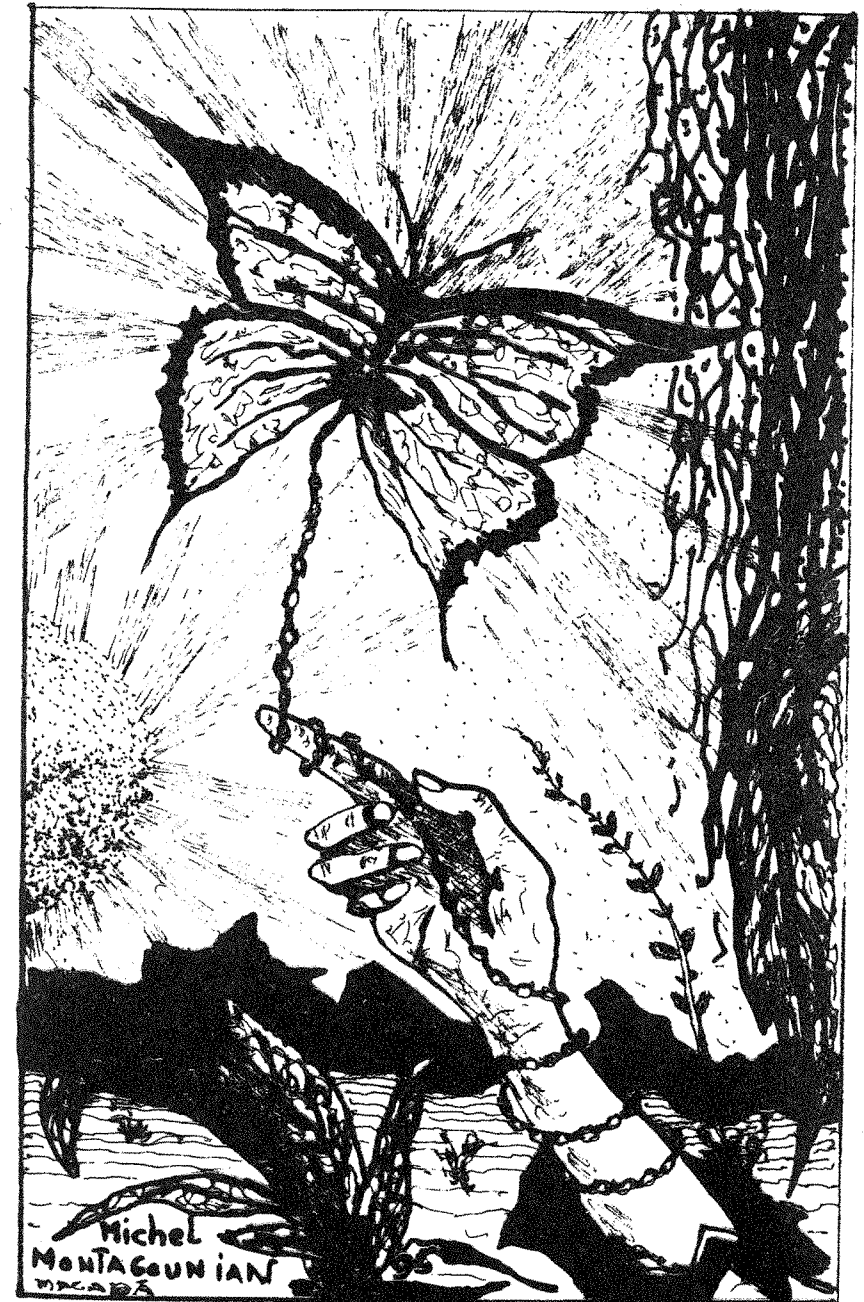
fraquezas, desnudas meu Cristo interno. Não sou Deus, mas Ele está comigo.

Mais belo ainda foi a surpresa de te ver no branco vestido de tua formatura – deusa e menina – em rápida aparição, num giro de bailarina.

Depois, foste dormir. Imagino teu sonho colorido. Mas a antemanhã se aproxima. Às quatro da madrugada, eu e Digby, cada um à sua maneira, dançamos uma tarantela que tocava na TV. E foi tanta a energia, do café e do amor, que amanheceu e não consegui adormecer.

Em Santa Inês, defronte do Rio-Mar, respirando a força que dimana de Apolo, um espetáculo soberbo começa a surgir. O Grande Arquiteto pincela as cores do infinito na tela da manhã. Paro, encantado com o prodígio que observo. Do colo do Amazonas sobe uma coroa flamante: Áton splende no espaço e dardeja átomos de vida sobre os chacras. O primeiro toque da Trindade irradia glóbulos vitais para o Olho de Siva. Este momento é mágico. A comunhão com o Alto exige a devoção de um ritual. Por alguns minutos, baixo o olhar, em reverência. Em contato com o Logos, Lhe agradeço o dom que me oferta de sentir e de criar. Estou comovido demais, Sônia, neste sábado mundano, quando teço com as mãos os fios dourados desta Aleluia ao Amor!

Abril de 92



A Borboleta e o Poeta

Era uma bela borboleta ; mais do que bela, fantástica, que o Rei dos Silfos mandou-me de presente nesta manhã dos esquecidos. Ontem foi Dia dos Namorados. Mas, apesar de ter várias admiradoras espalhadas pelos quatro pontos cardeais desta cidade, nenhuma delas me remeteu sequer uma pequena linha perfumada de lembrança...

Acho que por isso o Duende dos Ares, compadecido deste rico poeta, quis me recompensar neste belo sábado de junho, dia 13, molhado de azul, com aquela magnífica borboleta dos sonhos, prenunciando nos meus roteiros uma inesquecível e ensolarada manhã.

Suas asas possuíam maravilhosos toques de pintura: eram incrustadas de rubro-vermelho, verde-esmeralda, azul-turquesa, tabaco e branco-marfim... Aproximei-me dela com as lentes de cristal, pensando que estivesse morta. O calor da ponta de meu cigarro fê-la bailar nos ares e começou a voar sobre a minha cabeça, numa espécie de saudação. A pequenina obra de perfeição divina, em movimentos coreográficos perfeitos, descreveu no espaço a arte de um bailado impossível.

Lembro-me de meu compadre, o poeta Alcy Araújo, — amante das mulheres, rosas, crianças, cães e borboletas. Alcy gostava das amarelas. Ficava imensamente feliz quando surgiam borboletas amarelas nos seus caminhos. Mas meu amigo viajou, foi conversar com as estrelas.

São duas horas da madrugada quando retorno a esta crônica, aqui no Mara Hotel. Osíris está me espreitando lá de fora. Amanhã é Lua Cheia, dia em que as mulheres estão imensamente sensuais e vulneráveis. Interrompi a corrente para um passeio à Fazendinha, onde fui checar com meus

olhos as belas morenas do Equador, lindas mulheres macapaenses. Bendita raça de beleza feminina, mesclada e sensual, estética e harmoniosa mestiçagem racial que a natureza trabalhou ao longo do último quartel de século. Fui *pegar um bronze*, como falam minhas filhas. Não entrei no Rio, – tomei banho por dentro, na mesa de Amaparino Valente, Dolores e outros amigos. E curti uma linda e pacífica tarde defronte do majestoso Rio-Mar que tanto amo. Depois, à noite, visitei a bela Margarete. E nessa noite de luar, em sua casa, assisti à luta daquele ex-estivador que aprendeu boxe depois dos 25 anos. Maguila, o *boxeur* em questão, apesar de lhe faltar ainda a técnica dos grandes mestres, deu uma lição naquele afoito lutador canadense. Um esplêndido nocaute. Se o brasileiro aperfeiçoar a ginga e outras manhas, poderá chegar ao 1º do ranking mundial.

O sono quase não me deixa escrever. Vim cambaleando pelas ruas. E só tomei café e chá da Índia. É o de que necessito para conversar com estranhos. Para escrever, preciso antes de tudo de um estado de graça, dado por Deus; costume usar café e cigarros. Quando me apraz, paro com a bebida. Dou um basta. E, apesar de três pirações em público, devido a paradas repentinas, ainda assim a cabeça está uma maravilha. Só posso agradecer a Deus.

Mara Hotel, junho de 1992

Homenagem aos Pais

Transcorre hoje o Dia Mundial dos Pais. Meu compadre, o poeta Alcy Araújo, pediu-me que escrevesse esta espécie de crônica. Ora, quem conhece essas coisas é minha mãe Walkíria Lima. Meu pai caminha nos itinerários de Pasárgada. Para mim, é como se o mestre estivesse ainda ao meu lado, vestindo a capa de uma substância fluida demais para o meu tato de aprendiz da vida. E que são os filhos diante dos pais, senão libélulas diante de condores, hulha à espera de um dia vir a ser diamante? Naturalmente, entre um e outro, há a diferença da experiência e os segredos da angústia. O filho é o barro; o pai, o escultor. O filho é a alegria, a inocência, o pulmão; o pai é a retidão, a consciência, o oxigênio. Um depende do outro. O pai que não ama seu filho não é um pai; o filho que não venera seu pai não é um filho. Porque, afinal de contas, nada criamos, quanto mais a vida de um filho. Somos simples veículos de uma Inteligência Maior, impossível de ser compreendida, que se mostra no esplendor das estrelas, na beleza das flores, na ternura das mulheres, no desafio das montanhas; num prelúdio de Bach, na própria inteligência humana. Estamos aqui para cumprir uma determinada missão, diferente de todas as outras. Quando, dentro dessa missão, se inclui a paternidade, a tarefa se torna difícil. Não é mais o alumbramento dos recém-casados, a magia inicial do matrimônio ou da amigação, nem o orgulho carnal de ver num pequerrucho o espelho de nossas limitações. É a prova de fogo, o batismo de guerra, o leme da formação, o lento lapidar de arestas; a paciência nem sempre existente, a amizade imprescindível, olhos limpos e coração aberto para o homem que se forma, mas precisa de nós como o pássaro do ar e o nauta do oceano.

O filho deve ter no pai um amigo, não um comandante inflexível que alteia a voz diante do menor deslize de seu subordinado. Não há no Mundo de hoje mais lugar para esse tipo de pai. Numa época em que o divórcio das gerações mais se acentua e aumenta a distância entre pai e filho, é chegada a hora do nivelamento. Temos de descer dos pedestais de vento e enfrentar a tormenta, que atinge todos os padrões sociais e avulta na crise da adolescência mundial. Não se pode enfrentar a geração de hoje com as medidas de um passado que afundou na lama de duas grandes guerras e deixou um saldo de 49 milhões de vítimas.

A crise é de consciência e a de hoje não nos vale nada. É preciso viver dentro do amanhã. E para isso “necessitamos de uma nova consciência capaz de ver”, no dizer de Krishnamurti. Para ver há necessidade de luz. Não enxergamos na escuridão ou no conflito – reflexo da própria escuridão. Vivemos em um mundo conflituado, fruto de um tenebroso passado.

Neste dia de festa e de verão em Macapá, com alegria em milhões de lares, presentes e comercialização, há também a presença amarga da tristeza : São filhos órfãos nas esquinas do Mundo, clamando pelos pais que morreram nas guerras ; é a angústia de pais que não viram o filho nascer ; a amargura de pais separados pelo desamor; enfim, é a lembrança da morte enodoando sorrisos e esperanças, vitalizando o pranto.

Em minhas mãos, neste dia, o sal amargo das lágrimas marca presença. Neste mês, doze anos atrás, meu pai transitou. Jovem, ainda. Mas deixou para o filho uma lição de Amor. Eu tento transmiti-la às minhas filhas, enquanto o tempo passa veloz, fatal. E imprime no rosto de um filho o retrato de seu próprio pai.

Macaná agosto de 1975

Dois Pintores se Encontram no Bacabeiras

Terminou no último dia 15 de setembro, no *hall* do Teatro das Bacabeiras, a exposição de pintura de dois esplêndidos artistas do pincel – Abenor e Ivam Amanajás. A mostra, que durou sete dias, repetiu o sucesso da exposição anterior, em dezembro de 1992. Eles expuseram ao público 30 telas – cada um com 15. Todas foram vendidas.

A temática do advogado-pintor – Abenor Amanajás se repetiu outra vez: ele explora a pintura esotérico-surrealista. É um mago pintor que fotografa dimensões imersas no Livro dos livros, mormente no Apocalipse, de São João Evangelista, respectivamente – Genealogia Bíblica e 1ª Tribulação. Seus matizes, dimensões, perspectiva, profundidade, colorido e desenhos amadureceram realmente. Abenor é uma estrela que viaja para um infinito plástico, onde pontificaram as geniais estrelas de da Vinci, Goya, Velásquez e Picasso. Ele promete novas incursões, dessa feita na área social da miséria, prostituição, taras sexuais, de uma Criminologia multicolor, dissecando, como Lombroso o fez na Salpêtrière de Paris, o que lhe sobrou de sua pesquisa pictórico-psico-sociológica, trazendo para o público amante das artes os monstros gerados por anormais que se enquistam em camadas apodrecidas dessa sociedade doente e animalesca que há de acabar com o alvorecer do terceiro milênio. Seus títulos são inteligentes, alguns eróticos e sociológicos : Em Busca das Origens, Ecologia, A Dança do Orgasmo, Três Janelas para o Amor ; outros, de ficção científica – Observadores do Espaço, Helios, O Vingador ; finalmente, os restantes circundam temas místicos: Ressurreição, Cristo Alquímico, O Bárbaro, Primavera, Gênesis e Lá Estarei. Há também uma bela e

merecida homenagem ao gênio imorredouro de Leonardo da Vinci. Sem medo de errar, posso afirmar – Abenor incursiona no chão que ele mesmo adubou e muito em breve vai colher as láureas da fama originada pelo seu grande talento.

Seu primo, o pintor-artista Ivam Amanajás, tem outro perfil. São diversos na temática e técnica. Ivam penetra os meandros da Cibernética, é vidrado em ficção científica. Seu maravilhoso surrealismo, indica-o – ouçam-me os críticos brasileiros – como um dos maiores talentos da Escola Surrealista. Ivam poderia pintar suas telas com a mesma energia usada por Miró, Picasso ou Braque. Preferiu ser ele mesmo. Prepara-se, no Amapá, para mostrar ao Brasil, quiçá no Exterior, que aqui é uma terra de grandes, mui grandes artistas – pintores, músicos, poetas e escritores. É polimorfo – pode pintar em qualquer Escola –, do clássico da Vinci ao genial Cubismo daquele grande malaguenho Pablo Ruiz Blasco Picasso. Posicionou-se, entretanto, no surrealismo genial e verde de um verdadeiro amazônida, – fustigando com seus pincéis quixotescos a barbaridade criminosa infligida à verde Floresta de Humboldt pela burrice hereditária de ricos pecuaristas, madeireiros, donos de grandes companhias mineradoras, ávidos apenas de lucro fácil ; figuras anacrônicas que não respeitam a beleza natural criada por Deus. Suas telas trazem nomes fascinantes e uma temática magnífica, sagrada para todos nós, só capaz de existir na lendária Amazônia. Aqui, onde se alojam nossos hóspedes folclóricos como as iaras, cobras-grandes, mapinguaris e o boto tucuxi. As quinze telas, todas vendidas para particulares, são: Fantoches Autômatos, Semente Volátil, A Deusa da Floresta, Solidão, Sono, O Estranho, Meta-Verde, Pêndulo Sobre o Abismo, Cavalos, Que Não Morra a Verde Amazônia e Aquáticos – I, II, III, IV.

A Saga do Bar Caboclo

Bar Caboclo – Comédia. Grupo Língua de Trapo. Autor: Disney Silva, direção de Cecília Lobo. Teatro das Bacabeiras.

A atual Mendonça Júnior, entre Cândido Mendes e São José, era, nos tempos de Janary e Pauxi Nunes, a zona do baixo meretrício. Lá, mormente nos fins de semana, confraternizavam caboclos das ilhas do Pará, funcionários públicos, operários e estudantes. A rua era o Igarapé da Fortaleza, ladeado por pontes, as passarelas de então, que davam acesso a pequenos quartos onde se alojavam, de forma precária, exemplares femininos daquilo que chamo operárias do sexo. Na área destacavam-se alguns prostíbulos e salões de dança, construções de madeira, nos quais se dançavam os ritmos da época, – samba, bolero, baião e gafieira. Os mais conhecidos eram o Palácio da Moral, Brunswick, Iracema e Bar Caboclo, este na margem esquerda do igarapé. Os bares eram os chamarizes, onde se deixavam paquerar as prostitutas mais bonitas daquela época. Na São José também havia alguns lupanares, mais humildes, entretanto. Era uma sociedade marginal composta de mulheres – a maioria jovens, algumas com 12 anos, egressas de ilhas paroaras e macapaenses e de outros municípios do antigo Território do Amapá : Afuá, Breves, Chaves, Caviana, Bailique, Gurupá, Sucuriju, Oiapoque, Calçoene, Mazagão e Amapá, algumas das fazendas.

Dessas mulheres, várias marcaram época, outras enricaram dentro do mesmo ramo. Eram bonitas, geralmente morenas, tipo caboclo, tal as filhas da região, sensuais e ciumentas como Maria Amapá, Teca Branca, Terezinha Morena, Oscarina, ou interessantes como

Pingüim e Estelita. O local possuía, entre os seus frequentadores, poetas, boêmios e malandros. Alguns vinham do meio burocrático da administração pública de uma terra que surgia para o progresso, como um novo Eldorado ao Sol do Setentrião. Destacavam-se Álvaro Botelho da Cunha, Alcy Araújo Cavalcante e Carlos Cordeiro Gomes (o Segurobalde) ; entre os boêmios Gilberto Pimentel (o Gigi), humorista e imitador, Alfredo de La Rocque, Agostinho Costa e Agostinho Souza, – um cantor ; o outro, radialista.

Eu tinha os meus doze anos e já havia aprendido os segredos da versificação com o poeta Waldemiro Gomes. Mas foi na Zona da Doca que aprendi a enganar a primeira mulher e adquirir a primeira condecoração sifilítica. Talvez por isso tenha até hoje uma certa aversão pela cor muito branca de certas mulheres. A garota não teve culpa. Eu a procurei. E tive de arcar com a consequência.

Essas lembranças todas surgiram agora porque foi reencenada a comédia Bar Caboclo, levada ao palco do Bacabeiras pelos artistas do Grupo Língua de Trapo. Casa lotada, até pelo carpet, todas as noites. Destaco o trabalho de Rechene (Adalgiza) Amin e Solange (Sol) Pelaes, cabeças e corpos de uma beleza incomum ; etéreas, eróticas, inteligentes. Aliás, chamou muito a atenção do público presente o marfim escultural do corpo de Adalgiza. Gostei muito dos passos de um bolero-tango dançado pela Sol. Os atores – Cláudio Mendes, Disney Silva, Jackson Amaral, Miguel Nascimento e Ray Brito também tiveram destacada atuação ; mas as mulheres do elenco levaram a palma, inclusive Andréia Lopes. As gargalhadas choveram no teatro. O tanguista boêmio e o “pederasta” da bodega divertiram muito o público presente no Bacabeiras. É trabalho de iniciantes e não se pode exigir uma performance impecável para o desempenho de amadores.

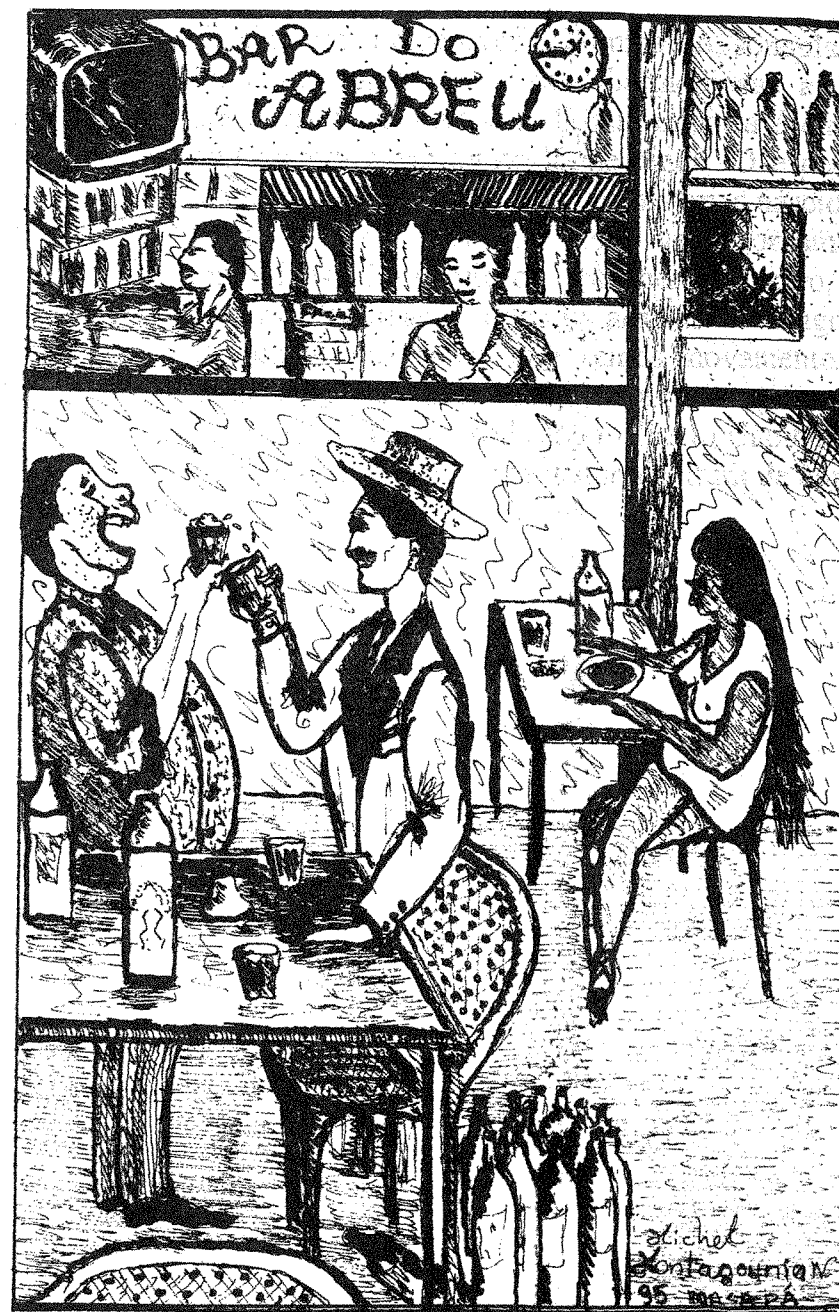
Finalmente, a coreografia, iluminação, sonoplastia, direção, tudo funcionou de forma harmoniosa, a despeito do amadorismo dos artistas. O que importa é que essa turma tem talento e vai muito longe ainda. O espetáculo serviu também para comprovar que as histórias nascidas do povo podem ser tratadas com arte, tornam-se belas e instrutivas. Prostituição, sob certo ângulo, é também cultura. Parabéns a todos os artistas do Língua de Trapo. Obrigado, por saber que temos novamente, depois da geração de Reynaldo Farah, uma outra que merece todo o incentivo do Governo de João Alberto Capiberibe. Teatro é medida ampla para se mensurar a cultura de um povo.

Na Rota do Bar do Abreu

A primeira vez que lá entrei foi com meu compadre, o poeta Alcy Araújo. Era na Odilardo Silva com a Ernestino Borges, fronteira do Laguinho. Entre os freqüentadores havia figuras conhecidas: Pedro Afonso da Silveira, Edivar Mota, Benedito Andrade, Fernando Canto, Obdias Araújo, Frank Asley, Manoel Torrinha, Ciro Costa, Hélio Pennafort, doutor Cid e tenente Amaral.

Nessa época – que na realidade firmou o prestígio do Bar – quem estava no comando era o velho capitão sourense, Orlando Abreu, pai de Ronaldo e Marquinho, que agora chefiavam o empreendimento. Minha amizade com Orlando foi imediata. É um cavalheiro. Trata bem a todas as pessoas. Intuí, nessa ocasião, que ali estava um bar que marcaria uma fase da boêmia, como o Gatto Azul nos áureos tempos ou o Macapá Hotel da velha guarda. Não estava errado. Saímos, o poeta e eu, para outros ambientes, mas voltamos inúmeras vezes e compartilhamos, como velhos companheiros, das confidências vespertinas, noturnas e madrugais que preenchem o coração de todo boêmio.

Depois, o Abreu mudou. Foi para o ponto do antigo João do Roque. E nós fomos atrás. Aí iniciou uma nova fase – rodas de samba, com conjuntos da terra. A paquera e o romance rolavam no ambiente, às sextas-feiras. É um local multifacetado, onde se reúnem burocratas do Governo, profissionais liberais, comerciantes, operários, estudantes e mulheres liberadas. Às vezes nele se encontram belas surpresas femininas. O movimento diário é intenso, recrudescendo na sexta-feira. Tem uma característica especial: No Bar do Abreu se discutem futebol, vida alheia, sacanagem e política. Neste aspecto é um bar onde se pode



[illegible]

O penúltimo Abreu funcionou na Eliezer, defronte do Posto Alcolumbre, e manteve a mesma fisionomia dos outros. Lá se pode assistir a um clássico de futebol, ou obter um amor colorido. Aliás é isso o que um bar deve ser: Um lugar aconchegante, onde todo mundo se entende, fala, debate e expõe seus momentos de emoção, fraquezas e virtudes. *A demain.*

Oração de Poeta

Nesta noite estrelada de verão, precisa-se urgentemente de uma mulher. Uma mulher rainha, com alma de criança, que traga nos seus olhos negros de cigana a chama da esperança e nas mãos orvalhadas a ternura das rosas vermelhas ; no coração maduro a claridade de um diamante. Deve ter em sua cabeça fulgor e talento para compreender um homem que nasceu poeta e no corpo perfumado a sensualidade magnética de uma grande amante.

Este homem que escreve nesta hora traz em suas mãos a arte dos deuses que são artistas, dos filhos de Apolo e é um esteta nascido para uma grande missão. Mas falta-lhe a magia iluminada do amor, a alavanca que move as estrelas.

É urgente, muito urgente mesmo que essa mulher me encontre logo. Não sei até quando poderei suportar os acúleos da solidão. Essa senhorita, entre 25 e 35 anos, deve chegar enquanto é verão e Deus – meu velho e grande amigo – me ilumina o sentimento e faz a pena roçar o útero sagrado das estrelas. Amanhã pode ser tarde demais.

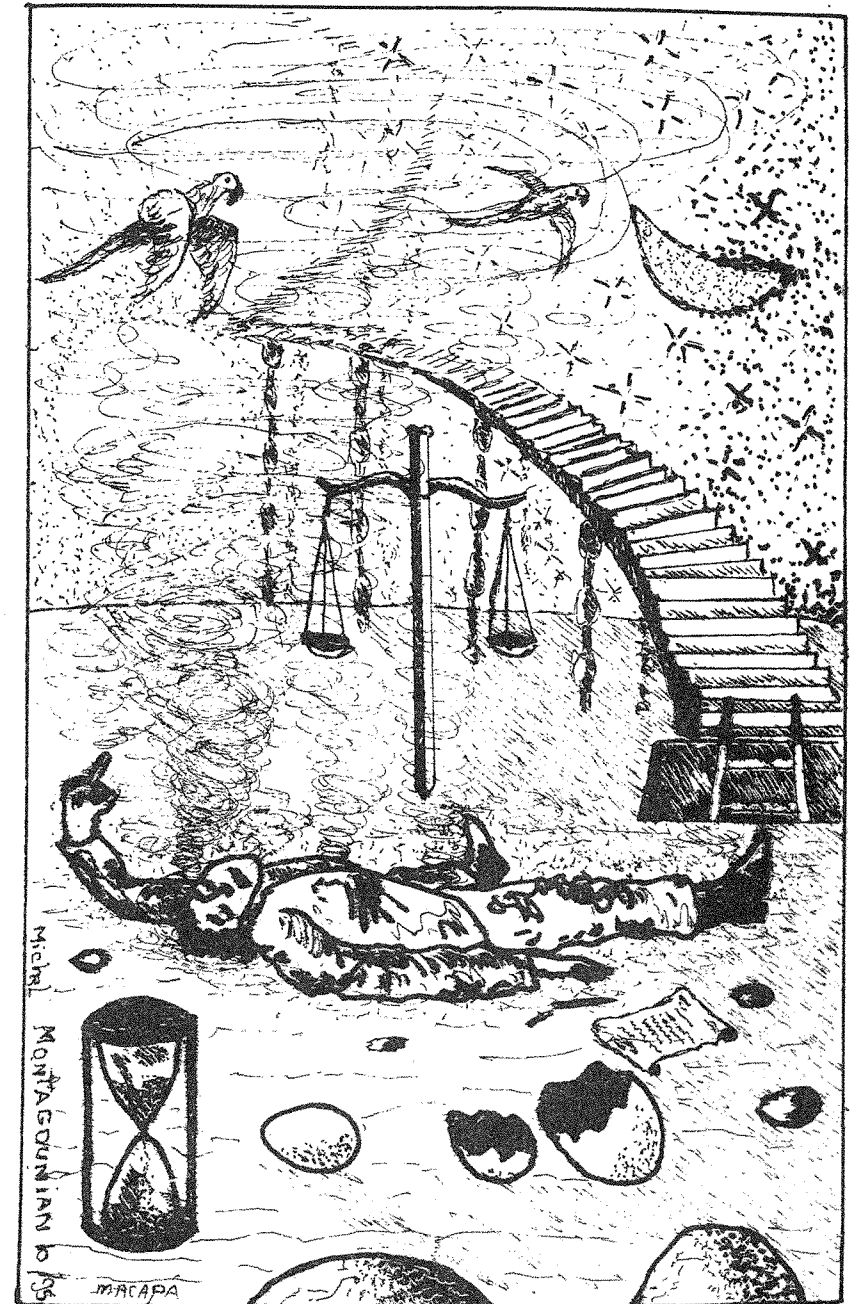
Aviso às candidatas que queiram viver comigo que sou um poeta órfão mas posso ganhar rios de dinheiro com minhas profissões : cigano, jornalista, escritor, poeta e advogado. Minha palavra não tem preço, minha cabeça não tem limites. Deus me deu tudo o que um homem pode desejar. Mas o grande amor de minha vida já não é mais a eleita de outrora. Há de surgir uma nova mulher na minha estrada. Com ela ao meu lado poderei construir meu castelo de estrelas, respirar ternura, atingir a fama, conquistar o mundo... E dentro deste mundo, ao lado da companheira querida, distribuir a outros irmãos menos felizes, saídas destas mãos radiantes, as bênçãos da alegria, peroladas

pétalas do sentimento de um homem que se tornou gigante ao lado de seu grande amor.

O Adeus de um Jurista

Perdi um amigo. Um grande amigo. Um homem de Letras, um luminar do Direito, especialmente do Agrário. Perdi um amigo. Um poeta. Ele se foi nas asas negras da noite, atrás de uma cortina solerte de pólvora assassina, nas terríveis espirais da angústia que poucos percebiam. Só Deus pode julgá-lo, e eu não sou cretino para me arriscar a tanto. Benedito Antônio Leal de Mira, advogado, jurista, desembargador e poeta, meu amigo dileto, se foi. E agora, dentro da fria madrugada, percebo que ele está ao meu lado. Sua energia espiritual está presente de forma intensa. Mira está aqui, olhando-me escrever sobre a sua morte. Talvez não compreenda ainda que partiu e que há uma fronteira de outra dimensão entre nós. Uma fronteira atômica. Não percebe porque não sabe que está morto. Quer dizer : não possui mais a estrutura material dos átomos organizados, e a mônada interna se refugiou apenas na alma. Mas vivo ele está, não tenho a menor dúvida. Senão não viria me visitar agora, exatamente às 5 horas da manhã deste 16 de novembro de 1994. Quase posso tocá-lo. Sei que ele está terrivelmente perturbado e surpreendido pelo ato praticado. Mas agora precisa de preces que o libertem desse estado. Eu peço a Deus, Soberano Senhor do Universo, que lhe transmita a lucidez cristalina da Paz e do Amor. Assim seja.

Conheci Antônio Leal de Mira, o vigiense, quando ainda estudava no Colégio Estadual Paes de Carvalho, em Belém. Jovem, cheio de vida, um poeta de grande talento. Vivíamos, então, nas férias macapaenses, nossos alegres momentos de boêmia, desperdiçando pelas noites afora a sagrada energia dada por Deus.



Um dia, lembro-me bem, precisei de dinheiro grande. Peguei a eletrola que minha mãe Walkíria me dera de presente, falei com Mira para pedir ao pai cem mil cruzeiros. Isso foi em 1970. Jamary Homem de Mira me deu o dinheiro. Mas não quis ficar com a vitrola : “Leve, meu rapaz, não precisa deixar nada”. Tempos depois a dívida foi-me perdoada.

Antônio era um amigo Leal. Possuía um imenso coração. Uma inteligência enorme. Era um poeta. Aliás todos os meus amigos são muito inteligentes. Sou avesso à mediocridade. No círculo das minhas amizades prevalecem apenas dois atributos : *talento e capacidade*. Mira tinha os dois e outros mais lhe sobejavam. Era também um boêmio, amante do bom vinho, boas roupas, música clássica e belas mulheres.

A Magistratura Amapaense, capaz, lúcida e honesta, perdeu um desembargador entre os seus melhores pares do Tribunal de Justiça. A família de um magistrado agora veste luto. Choram seus filhos, Selma pranteia o marido, a alma de sua família está profundamente ferida. Só a pequenina filha não sabe. Meus olhos marejam mar. Este adeus se dissolve na bruma das nuvens de novembro. E o inverno se aproxima. Há uma grande lacuna na minha alma afetiva. *Ciao*, Poeta Leal de Mira!

Macapá, 16 de novembro de 1994